

Caderno
Saberes & Fazeres
Quilombolas

Planos de Gestão Territorial

*Comunidade Quilombola Mumbuca
Comunidades Quilombolas das Margens do Rio Novo, Rio Preto e Riachão
Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso
Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino*

Tocantins - Cerrado - Brasil
2018

Expediente

Caderno Saberes & Fazeres Quilombolas - Planos de Gestão Territorial

Comunidade Quilombola Mumbuca
Comunidades Quilombolas das Margens do Rio Novo, Rio Preto e Riachão
Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso
Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino

Coordenação geral

Paulo Rogerio Gonçalves
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

Equipe de pesquisa

Alcindo Alves Patrício Castro
Evandro Moura Dias
Inês Torres Xavier
Jacqueline Alves Santana
Laurentina dos Santos Souza
Lourivaldo dos Santos Souza
Luana Alves Patrício
Maurício Santana Godinho
Noelma Martins de Albuquerque
Núbia Matos da Silva
Silas Matos da Silva
Valter Thiago da Cunha
Volmar Almeida dos Santos
Williasmar Thiago dos Santos

Diagramação & Arte

Gustavo Ohara

Realização

Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins

(APA-TO)

Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins

(COEQTO)

Associação dos Artesãos Extrativistas do Povoado Mumbuca

(AAEPM)

Associação das Comunidades Quilombolas das Margens do Rio Novo, Rio Preto e Riachão

(ASCOLOMBOLAS-RIOS)

Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Kalunga do Mimoso do Tocantins

(AKMT)

Associação Quilombola das Comunidades do Claro, Prata e Ouro Fino

(ASQUICCAPO)

Financiadora

Climate and Land Use Alliance

Apresentação

As comunidades quilombolas do Estado do Tocantins vem cuidando de seus territórios há muitos séculos, os primeiros registros de quilombos no ESTADO datam de aproximadamente 1700.

Nesse longo tempo de convivência e aprendizado com a terra, as águas, as plantas e os animais desenvolveram complexos e diversos sistemas de manejo dos bens da natureza, produzindo um grande número de alimentos e utensílios destinados ao trabalho do campo e doméstico.

No entanto, muitas comunidades tiveram parte de seus territórios invadidos, mas elas resistiram e resistem utilizando para isso seus Saberes e Fazeres Quilombolas.

O Caderno – Saberes e Fazeres Quilombolas: Planos de gestão territorial, foi elaborado em diálogo entre a Associação dos Artesãos Extrativistas do Povoado Mumbuca/AAEPM, a Associação das Comunidades Quilombolas das Margens do Rio Novo, Rio Preto e Riachão/ASCOLOMBOLAS-RIOS, a Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Kalunga do Mimoso do Tocantins/AKMT, a Associação Quilombola das Comunidades do Claro, Prata e Ouro Fino/ASQUICCAPO, a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins/COEQTO e a Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins/APA-TO.

O Caderno teve o objetivo de sistematizar os Saberes e Fazeres Quilombolas tornando-se assim um documento referência para o Movimento Quilombola no tocante a gestão territorial, possibilitar uma ampla troca de saberes entre as comunidades e contribuir para o aprimoramento do controle e manejo das comunidades quilombolas sobre seus territórios.



Comunidades Quilombolas do Jalapão

Comunidade Quilombola Mumbuca

SABERES E FAZERES

Antes de começar o plantio era nossa já, era uma capoeira, do velho Diolino, que tava aqui, aí ele saiu e passou pra mim e aí eu tô trabalhando toda vida aqui, sempre capoeira mesmo, trabalhando toda vida, meus pais, meus avôs, meus tataravôs morava aqui e deixou essa herança aí, o velho Diolino morou, foi pra lá e nós passamos pra cá e sempre aqui moramos. A capoeira mais ou menos ela tava com uns quinze anos, quinze anos ou mais, ela já tinha fechado uma mata.

Cheguei, primeiro abri a roça ali depois passei pra cá, faz três anos por aí. Nós derribamos, aí nós queimamos, plantamos. Vale mais ou menos três tarefas. Abri de uma vez tudo, plantou tudo, mandioca, gergelim só isso mesmo a mandioca e o gergelim, e o milho não plantamos não. Deu mandioca no primeiro ano, muita mandioca graças a Deus, mandioca e gergelim, é mesmo completo, sem perder nada. Primeiro ano deu bem, o segundo ano não deu bem por causa do sol. Plantei escadaria burro, roxinha, todo tempo, pé de anta, tem a mandioca doce e a amargosa de fazer farinha. Seis meses, a mandioca doce com seis meses colhe, a de farinha só com um ano. Vez que quando é verão chovendo se colhe a maniva, mais no verão se deixa a maniva de lado porque em terra alta não planta, só planta em terra baixa terra fria que planta todo tempo mas em terra alta como essa aqui só planta no inverno. Cavaco o chão assim aí coloca a maniva emezinha tampa.

A doce se tiver muito faz a farinha também, faz farinha com a doce também, aí serve pra animal, serve pra gado tem até pra galinha, a farinha e a mandioca mesmo, machucada. Faz pouco, só a quantidade de comer, eu não dou conta não, saco eu não dou conta. Deu bastante que até agora nós não tamos comprando, só tamos colhendo. Tipo assim, quantos sacos nós faz aqui em casa é tipo assim quantas vezes nós vem pra cá no ano pra fazer farinha. Mas eu tô sempre fazendo, a gente faz todo mês faz um pouquinho, um meio saco, uma meia quarta, uns seis sacos por ano.

A mandioca de terra alta não é que nem a mandioca de terra vazante. Mandioca de terra alta tem a época dela, a época de colher e a época de plantar, ela só planta e só colhe ela depois de maio pra frente até outubro, depois que chove a chuva ela já não é mandioca pra fazer farinha mais, ela insoa aí tem que esperar outra temporada, de janeiro por diante que ela vai tomar outro, ela vai enxugar, aí a gente não sabe quantos sacos vai fazer, em terra fria todo tempo pode plantar e todo tempo pode colher.

O mês certo de planta mandioca é o mês de novembro, outubro e novembro depois dali dezembro já não serve, só vai plantar em janeiro, fevereiro, março. Planta é depois da lua cheia, na minguante aí é a época boa, mandioca fica boa de raiz, mandioca plantada no crescer da lua ela só presta a maniva mais não dá raiz. A colheita é de maio pra frente, maio, junho, julho, agosto, setembro, aí quando é outubro que a chuva chove muito aí a mandioca desanera, esse negócio de terra, terra fria todo tempo tá boa.

Nessa roça aqui vou conseguir plantar mais ou menos uns oito anos, mandioca, qualquer coisa plantando, qualquer coisa, oito ano, aí depois de oito ano ela fica fraca, fraquinha de adubo, mais o adubo da terra mesmo é oito ano. Capina é duas vez, a primeira para chegar terra no pé, pra calçar, aí depois que a chuva para de chover a gente não pode mexer, por conta que a mataria faz sombra na mandioca, aí vai cuidar só depois que chove de novo, torna limpar de novo, aí a mandioca vai. Acabou a chuva não capina mais porque deixa o mato pra poder fazer a sombra, porque o sol muito quente que tem muitos lugar que mandioca morre. Nasce capim, galho de pau, nasce muita moita aqui, malva, bananeira. Moita mesmo grossa aí empata a mandioca crescer, mas no verão serve porque faz sombra. O tempo é um ano ou dois para descansar, aí depois de dois anos volta. Volta a trabalhar que os mais véios sempre falava que tem que dar um tempo que é pra descansar. Aqui é mataria, aqui é capoeira, aí torna desmatar de novo que se não acaba tem capoeira que trabalha demais. Acontece assim que se a terra for muito boa aguenta mais, se não for, se for fraca as coisas vão dar tudo fraco.

Eu tiro um pouco das árvores, faz sombra pro verão, a casa onde a gente fica mesmo, fica limpo no verão e ninguém guenta. Deixo na roça camaçari, vinhatico, sucupira branca, tem que deixar que é direito delas. É madeira de lei serve pra botar um pau na cerca, serve pra fazer uma casa, serve pra alguma coisa e esses outros não serve porque são madeira fraca. Faz sombra tem que deixar, tem que deixar pra fazer sombra. A roça, assim, alguns lugares pode deixar árvore rendada, assim porque ela não empata a mandioca crescer, mais se for muita sombra também não pode deixar não, que essas plantas não gostam de sombra, mandioca não gosta de sombra.

Almerinda Ribeiro da Silva Matos

Produção de Farinha





Roça de Vazante: Banana

Núbia Entrevistando Adinélia

Roça de Esgoto

Eu mexo aqui com esgoto, que a nossa fonte de renda mais é de esgoto, porque a terra seca no verão ela não produz bem, porque se a chuva não for muito boa ela pode pecar os plantios. Mas eu mexo com esgoto, esgoto a gente planta, sabe cuidar direitinho, sabe esgotar pra não explorar muito a nascente da água, nós mexe assim.

Roça de toco, á partir de dois mil que eu tinha uma família, que eu sou família nova, aí antes disso veio meu pai, depois de meu pai tive minha família, agora passou pra mim eu tô continuando. Planto é milho, feijão, mandioca. Vendo, troco, se for vender a mandioca tá três reais o quilo, a farinha tá quinze reais o prato é cinco reais o litro. A cana a gente também planta para os animais, a mandioca sempre dá ração pro gado.

O esgoto é o que mais produz, porque tanto faz a chuva ser boa, o ano de chuva ser boa ou ruim sempre ela vai dá bom produto. Terra mais fresca ela dá mais melhor, ela mais alta um pouco ela dá menos.

Eu planto várias espécies de mandioca, a quiquiri, rebenta burro, roxinha, todo tempo, esquentta burraio, tem várias mandioca que nós utiliza. Isso é a preocupação nossa, que nós tem que saber o manejo pra não agravar a natureza, é o machado e queimar menos, não pode queimar se tiver um pé de buriti, ele é um pau bonito, a gente tem que afastar o faixo pra longe pra queimar, pra não prejudicar a natureza.

O que mais dá em área de esgoto é buriti e embaúba. Desse ano foi melhor que a chuva também ajudou, ajudou bastante, plantei milho, mandioca e feijão miúdo.

Arnon Ribeiro Tavares

Dreno da roça de esgoto



Minha roça é uma roça de toco, eu planto nela mandioca, milho, feijão, abóbora, maxixe. Minha roça é meu divertimento, minha vida, eu sem ela não sou nada. Isso tem muito tempo, desde o meu esposo nós toda vida cuidou de roça aqui, ele morreu e eu fiquei continuando. Tem nem sei quantos anos, tem é muitos tempos, quando eu casei meu esposo já tinha roça aqui no capão, eu casei em oitenta e cinco ele já tinha roça aqui e toda vida nós trabalhou aqui, aí ele morreu e eu continuei cuidando da roça.

Planto milho mandioca, feijão, abóbora, maxixe, tem ano que planta arroz, agora tem uns tempos que não planta, mais já plantei arroz aqui e já deu bom. Eu não fiz a soma não, mais dá uma quantidadezinha boa que eu vendo pro compra direta, vendo farinha, vendo mandioca doce, vendo massa, puba.

É capinado quatro vez por ano, capino no mês de outubro antes do plantio, aí no mês de dezembro do outra limpa, e aí no mês de janeiro já é preciso de limpar, e no mês de abril pra maio tem que dá outra limpa pra poder guentar o verão, então eu limpo umas quatro vez.

A farinha é seis e sessenta o quilo, a massa é quatro e sessenta o quilo, a puba é oito e trinta o quilo. Pra consumo a gente faz uma quantidade e direto tá fazendo, quando acaba faz, e eu nunca tirei uma soma, durante o ano vai mais ou menos uns dez, oito a dez saco. Planto pro consumo meu, as vezes eu vendo um pouco pra ajudar comprar alguma coisa, pagar o trabalhador. Os animais é o milho, o milho é pra criar as galinhas é pra mim mesmo comer também.

Aqui nessa terra não adubo, mesmo só da terra, mesmo que já é boa, nunca utilizei adubo nenhum nessa terra. Esterco só pra fazer os canteiros. A mandioca doce que é a macaxeira, esquentta burraio, a roxinha, são essas mandiocas, que a roxinha é pra fazer a farinha, a esquentta burraio é a doce que é pra cozinhar essas coisas assim. Aqui era um mato alto, fechado, capão. O ano passado foi muito bom a mandioca, a mandioca o ano passado eu não plantei, o ano passado plantei pouquinho porque a chuva foi pouca, mas esse ano foi mais porque a chuva choveu mais, o ano passado a chuva foi muito ruim, plantei pouquinho mais esse ano como choveu bom plantei mais.

Maria dos Prazeres mais conhecida por *Adinélia* apelidada por Tintéia



Roça de Esgoto: Mandioca

Tenho roça de toco, eu derribei ela em setembro, eu abri, vou falar só da roça mais nova, eu abri ela em dois mil e quatorze, setembro de dois mil e quatorze. Plantei mandioca, milho, feijão, abóbora, melancia, banana, cana, açafraão, amendoim, batata, ananás. Primeiro eu entrei lá, aí eu vi que dava cereais bom, aí eu rocei, depois derribei de machado, aí esperei secar, depois coloquei fogo, aí depois do fogo fui serrar a madeira, juntar os garranchos que ficou pra poder fazer coivara e queimar, depois tive que destocar todinha na enxada, aí na sequência dei a continuação de plantar. Era mata, mas eu ouvi dizer que já era uma capoeira do seu Diolino, já foi roça, mais tinha pau que eu passava quase duas horas pra derribar de machado.

Eu planto mandioca numa parte, deixo outra sem plantar, depois quando eu colho a outra parte eu já planto a outra. A banana a gente sempre planta no mês de agosto, em agosto a banana, em outubro é a mandioca, o milho e o feijão não tem data certa, feijão pode plantar no inverno, no começo do inverno. Eu capino três vezes, depende dos cereais, do tamanho que os cereais tiver que capino pra poder plantar, aí na hora que os cereais tiver grandinho torna capinar de novo, aí na hora que já tá grande dá a última limpa.

Faz farinha branca, farinha de puba, massa, mandioca doce pra cozinhar mesmo, faz beiju. Para os animais é só cana e a maniva da mandioca. Tem partes que dá menos ainda, mas agora que ela tá ficando mais velha, você vê aonde o adubo acumula mais dá melhor, mais no alto onde só fica o adubo da terra vê que o trem sai bem fraco. A parte de baixo é mais úmido e o adubo que tá na parte de cima vai pra parte de baixo, que a chuva vem e vai arrastando tudo pra baixo. Tem amendoim, tem açafraão, mandioca, milho, abóbora, feijão, banana.

No ano passado a terra tava mais nova e a mandioca veio mais com força, o milho mais com força, tudo veio mais com força. Tem muitas variedades de mandioca, tenho quase dez tipos de mandioca nessa roça, tem a macaxeira que é a branca que nós chama de macaxeira, tem a esquentinha borralho, tem a retrós, tem a uraca, temo rebenta burro, temo babuginha, tem roxinha, temo quiquiri, temo também pé de anta, tem todo tempo da branca e da amarela. Banana tem a pratinha, tem a maçã que o povo chama de maçã adulterada que é a maçã falsa, tem a noa que o povo chama de banana d'água, tem a nanição, é esses quatro tipo de banana. Tenho quatro espécie de cana, lá tem a caiana, tem a jatobá que o povo chama de cana preta, tem a caiana rajada, tem a sucarina e tem a purga e tem também a tal de milho. Faço garapa mesmo e chupo, os meninos chupa e da ração pro animal.

Ronaldo Matos da Silva



Roça de Esgoto: Cana

É roça de esgoto, têm uns vinte anos ou mais. Era o mesmo que trabalhava meu pai, os meus avós, aí quando pai morreu, aí eu continuei trabalhando nesse local. Tinha embaúba, pimenta de macaco braba, pauzinho de capoeira mesmo, muitos tipos de pauzinhos. Rocei com uma foice, não tinha como cortar de machado não já era capoeira, rocei com uma foice, aí dei uma sapecadinha, fiz o canal da água passar para desencharcar, e plantei uma mandioca, plantei banana, plantei milho, batata, abóbora, melancia, maxixe e etc.

Um tempo eu plantei muito e deu muito, e não tinha saída, por que não tinha carro para buscar, o pessoal fala não tinha estrada, hoje já tem estrada já tem carro. Destroei muito, eu não dou conta de levar, a mandioca puba, eu não dou conta de fazer toda, a melancia apodrece, eu não dou conta de gastar, a abóbora também não colhe tudo, o maxixe amadurece, mesmo assim compensa.

Capino três vezes por ano, e não é direitinho, é ao menos quatro ou cinco, mas com a minha idade. Antes do inverno da uma limpada boa, no inverno limpa uma vez, por que no inverno é limpando, e quando limpa nasce melhor ainda. Troco, faz comprar direta, eu já coloquei uma vez no compra direta. A abóbora é noventa centavos o quilo quando eu vendi, vendi mandioca, banana, farinha, massa.

A área mais baixa é mais molhada, e aí é mais ruim, quando é no início do inverno, a gente planta nessa área, no final do inverno, quando o inverno começa a acochar, a gente tem que rancar se não apodrece. Tem uma mandioca amargosa, uma que chama escadeira burro, carrega muito, tem a roxinha que é mais tarda, mas dá muito e não apodrece, a piquiri, a doce tem a macaxeira branca, esquentinha burraio, tem a serrana e a pé de anta. Abóbora, tem a jerimum, tem da comprida, tem vários tipos, mas não sei o nome delas não, sei que é tudo abóbora. Batata é coração de nego.

O canal da água para não ficar dentro da roça, nos faz o canalzinho, e quando é no inverno ela passa forte, e quando é no verão enxuga mais a terra.

Martina Ribeiro Tavares

Eu tenho 62 anos, aprendi com Dona Miúda, minha mãe, com 12 anos comecei a fazer peças de capim dourado. O benefício fundamental foi uma riqueza para a nossa comunidade, a nossa fortaleza é o capim dourado, é uma linda fonte de renda. A dificuldade é a falta de capim dourado no campo. O vazio do capim dourado no campo foi a chuva que faltou, ele gosta do encharcamento da água.

Noeme Ribeiro da Silva, Datora



Arnon em sua Roça de Mandioca

O tipo de roça meu, que eu planto é milho, mandioca, feijão, banana, arroz, roça de toco, isso aí eu faço numa faixa de uns trinta anos. Eu comecei abrir roça de toco é fazendo rocinha de brejo, capinando, plantando de chuchu, daqueles pauzim que soca assim o arroz.

Eu aqui todo ano planto mandioca, feijão e milho. Mandioca em novembro, o feijão pode ser em março e o milho é em novembro também. Mandioca doce, é aquela aipim, roxinha, esquentá burraio que é uma mandioca doce também, serrana.

Sempre a gente coloca na associação mesmo, ali na compra direta. Faço farinha, só que não é pra vender não, a gente faz é pro consumo mesmo da casa.

Venceslau Pereira Gomes



Quintal Produtivo

Roça de esgoto, o tipo do meu plantio é mandioca, é feijão, é batata, é melancia, na época certa de plantar que eu sempre planto, é milho, banana, cana, e o gado que eu tenho, a rocinha de pasto, que eu sempre atualizo o gado. O gado tem época que eu conduzo dentro da roça, outra hora é fora, no agreste.

A roça de esgoto tem mais ou menos uns vinte anos, é vinte anos que eu trabalho nessa área de esgoto, nesse pedaço de terra de esgoto, aí toda vida a gente leva a vida

cultivando, trabalhando nessa área. Não é assim de uma vez só, aquela quantidade mais de pouco, de tarefa, de duas tarefa. Antes era mato de terra seca mesmo, é capão, depois que a gente mudou pra esgoto, devido a falta da chuva, devido a diferença de inverno, que a chuva faltou, a gente teve que mudar pro esgoto, porque a terra seca não tava dando certo, porque o sol tá muito quente, demais. Roça de esgoto tem que desmatar, é de toco mesmo, nós num depende de trator pra poder entrar, pra poder arar, beneficiar a terra, nós é mesmo manual, é manual mesmo. O mato assim que tinha lá era tipo capoeira, era o mato sem benefício, depois que a gente passou a investir, pra poder fazer a roça. Abriu é roçando de foice mesmo, manual de foice, capinou, destocou com a enxada manual mesmo, sem depender de maquinário nenhum, só mesmo de manual.

A gente planta por ano, por anos a gente planta é a mandioca, quer dizer a gente planta pouco, então todo ano a gente planta aquela quantidade de meia tarefa, uma tarefa. Feijão a gente planta uma meia tarefa, sempre de pouco, que a gente usa de pouco, de pouquinho, a gente não usa aquela quantidade de área grande, porque a gente precisa preservar o cultivo direto, porque se a gente for abrir mão de muito, aí muitas vez a terra fraqueia.

A gente não pode conduzir adubo nenhum, adubo só mesmo naturalmente da terra, mesmo do esgoto, então é questão da gente usar de pouquinho de tarefa, de duas tarefa, aí a gente planta o milho, planta o feijão, planta a mandioca, planta a abóbora, batata, cada ano a gente tem essa quantidade de plantio.

Capina só uma vez, quer dizer, duas vez a primeira vez pra poder fazer o plantio e a segunda vez é pra poder limpar o mantimento, que as vez o mato invade o cereais e a gente tem que entrar com a mão de obra pra poder limpar o pé de planta, a mandioca, o milho, o que a gente plantar, a gente tem que capinar, tem que limpar pra poder desenvolver os cereais, os mantimentos.

Os mantimentos a gente é só pro consumismo mesmo, da família pro consumo mesmo da família. Nós planta a mandioca mansa, que é a linguagem, mais quer dizer a mandioca que não amarga, que tem as que amarga, que a gente sempre usa pra fazer farinha, e a mansa é pra fazer outros tipos de alimentação, o cortado, come ela mesmo cozinhado sem cortado. Então é o tipo de mandioca que a gente planta, essas duas partes a mansa e amargosa, aqui nós usamos dizer que é braba, então é assim que a gente sente o amargo, aí não tem como, só com a farinha mesmo. A espécie é quiriquiri, a roxinha, a macaxeira tem uns que fala que é o aipim preto, principalmente a mandioca mansa que a gente usa pra farinha, e usa mesmo pra outras atividades, tem a retrois, também é uma espécie de mandioca que a gente usa. A gente usa uma parte de mandioca e usa outra parte de feijão e outra parte de melancia, e outra parte de milho, e aliás as vez a gente usa uma parte concluindo tudo, planta tudo junto, é tudo junto.

É úmida a área que mais produz, é a área úmida, terra preta. Até agora não dependemos de nenhum adubo, só mesmo da terra mesmo. O milho, a mandioca mesmo, nós usa de ração pra os animal, tirando isso aí é só o pasto mesmo. Eu nem sei dizer até quando que ela possa preservar nesse cultivo de trabalho, porque aí a gente vai trabalhando e vai observando até quando ela vai aceitar. Quando as vez a gente vê que não quer aceitar mais o destacamento, o desenvolvimento dos cereais, a gente para, a gente dá uma paradinha, e tem que deixar descansar. Deixar ela refazer, aí a gente já muda de posição pra outro ponto que as vez a terra tá mais de acordo, tá boa, tá mais forte, é assim que a gente vai usando.

Neemias Ribeiro da Silva



Gurral

Crio gado há uns trintas e cinco anos. Toda raça. Guzerá, curraleiro, nelore, malabar, tudo misturado, o gado sempre é misturado. Malabar está quase acabado, aqui está quase em extinção, mas ainda tem. Curraleiro do sangue puro mesmo não tem mais não, tem só mestiço, uns quatros a cinco bezerro. Tem umas quatro roça de pasto, com dictyoneura e andropogon que a terra é muito fraca. Essa aqui já tem mais ou menos uns quinze anos, a da porta uns vinte e dois anos mais ou menos, outra uns dezesseis, outra uns oito anos. Uma deve ser um alqueiro mais ou menos, outra deve ser umas três hectares, outra uns três hectares, vai mais que isso não, outra umas cinco hectares mais ou menos.

Uso sal mineral. A vacina usa a aftosa que é a original e obrigatória, a brucelose também e a “sete mal”. A aftosa por que é obrigatória, a brucelose também e a “sete mal” que é para não morrer mesmo. Para parto de vaca que pari mal parida, uso matruz com mata pasto, folha de pequi com andu, e o remédio principal, podoio também, a casca do podoio.

Tiro leite para consumo mesmo. Oito litros, dez litros, só para consumo mesmo, quando o gado está na porta, no gerais quase não tem leite não. Nasce em média de dezesseis a vinte e um bezerros por ano. O lugar é fraco, o capim, agreste daqui é fraco, é raridade uma repetir o ano, a maioria não pare não. Mato uma média de uns três por ano. Eu vendo uma média de uns cinco ou seis por ano. Quando é bezerro eu vendo mais. Mato com dez a quinze arrobas, e macho é novo, mas fêmea é velha.

Vendo na comunidade, vendo pra fora, mais perto. Está cento e quarenta reais a arroba. Faço sabão com o sebo. Vendo bezerro a uns oitocentos reais com de oito a um ano. Utilizo o esterco para a horta, canteiro. Os gerais que uso são dois locais, que é a serra do porco e a faveira do rio novo. Na barra do faveira, e na serra do porco, um ano lá e um ano cá, que é para não prejudicar muito. Fica no gerais a partir de maio, de maio até outubro. Com os que eu olho está chegando a casa de uns noventa a cem gados.

Tem de pessoas mais, parentes aqui que eu cuido.

Jose Ribeiro da Silva, Paizinho



Vereda, refrigerero para o gado

Crio gado há doze anos. Vinte e três gados. Tem vaca, bezerro, boi. Nelore e uma vaca curraleira misturada já. Tem uns cimetal também, cruzado. Dou sal branco, dou sal com tingui, dou sal com rapa de sucupira, mistura o sal com alho e dou. Vacino. Contra aftosa, contra brucelose. E assim quando acontece de ter alguma doença à gente aplica outros remédios que a gente vê que serve. Eu dou o urucu, sumo de folha de pequi, sumo de algodão.

Acontece de tirar dez litros, agora as vacas está diminuindo. Tem a época. Depende da produção das vacas, se as vacas começarem parir em maio, a gente começa tirar maio, junho, julho, agosto. E só para o consumo mesmo. Vender alguns, por que se tiver algum aperreio tem que vender. Quando necessita, tem ano que matam três ou quatro, e tem ano que não matamos nenhum. É de dez arroba a cima. Vendo para os açougueiros da comunidade. Hoje está cento e quarenta a arroba. E tiro o sebo para fazer sabão. Assim só se for preciso à gente vender um bezerro a gente vende, gado pouco não dá para comercializar bezerro não. Depende do preço que tem na comunidade e também varia do bezerro, se ele for bom o preço é um, se ele for ruim o preço é outro. Bezerro mesmo é de um ano e meio, passou de um ano e meio já é garrotinho e os compradores não querem mais comprar como bezerro não.

Esterco bota em pé de planta, em uma horta, pé de banana. O gerais meu é no corta perna. Tem eu, tem o meu pai que bota lá, tem Francisco também. Na roça de pasto fica no mínimo vinte dias. Depois tem que colocar é para fora, comer no gerias não come aqui perto, no gerais só a partir de junho. De junho para frente que vão para o gerais. É a margem do corta perna, brejo donzinho com a margem do corta perna. Tenho duas roças de pasto há uns quinze anos, roça da beira do gavião e roça da barra do canganha. Tem dictyoneura e andropogon. Usei brachiaria e estilosantes, mas não prestou, porque a terra é fraca.

Ronaldo Matos da Silva

Gado no Refrigero



Crio gado há trinta anos, trinta e cinco mais ou menos, minha vida todinha. Tenho tudo, vaca, boi. Eu tenho o cruzamento de guzera, nelore e cimmental. Tem curraleiro, tem a parte de curraleiro, já mestiço, puro não tem. Tenho mais ou menos um dez curraleiro. Vacina sempre, usa por que é obrigatório do governo. Eu uso sempre o sal branco com o vermisa. A vacina que eu uso para o gado é contra febre aftosa. Nos damos, a sucupira, também damos o pratudo, também o urucu, que é para toque, para o gado ficar limpo, com a pelagem bonita, tiborna, também pião, usamos para limpar o pelo, jalapa também a gente dá, que é a batata de purga que nos chama.

Dependendo da quantia de vaca tira até vinte litros. É quase o ano todo, não é o ano todo completo por que a gente não tem ração sempre direto, mas quando está na roça tira todo dia. Nasce doze, até dezoito bezerros por ano. Mato cinco gado por ano para comer, de dez a catorze arrobas, com até cinco anos. Comercializo na comunidade e também na cidade, município de mateiros. Vendo por arroba, é cento e quarenta reais a arroba. Comercializa o couro, outra hora sim, outra hora não. Faço mais ou menos uns trinta quilos de sabão com o sebo. No momento hoje está valendo oitocentos reais um bezerro, vendo com oito meses. Utilizo esterco pra fazer horta, canteiro, essas coisas.

Tenho cinco roças de pasto. Uso essa terra há muitos anos, uns trinta anos quase, mas roça mesmo é uns quinze anos. Planto dictyoneura, andropogon, quicuiu e braqueirão. Gado vive do pasto mesmo, pasto e sal mineral. Pasta nos gerais entre a cabeceira do veado e Chico José, perto do sumidor, uso as cacimbas, o gado vai até lá.

Valmir Ribeiro da Silva

Nós aqui mesmo é pouco criador que a vaca pari todo ano, assim o gado não come beleza, se eu tivesse pasto e meu pasto tivesse pra colocar meu gado aqui em novembro nessa roça, se eles não comer fora nem um dia fora do pasto, minhas vacas iam pari todo ano. Mas nos usa aqui o manejo de campo e roça. Temos 20 vacas mas hoje só temos 10 bezerros, agora as outras 10 vão parir nesse verão, 10 pario ano passado, essas que pariu ano passado vai pegar cria agora, vão pari ano que vem, porque não estão se alimentando bem, quando o gado não pari todo ano é porque não está se alimentando bem.

Minha família tem 40 gados, todo mundo tem um pouco. Temos 1 touro e um garrotinho de reserva, para quando ele ficar mais fraco a gente usar esse outro. A raça nossa aqui mais é nerole misturado com o curraleiro, o malabar e o guzerá. A gente fala que tem mais

ou menos quatro tipo de raças, que tem quatro tipo de sangue de gado, que é traçado um com o outro, ai dá um gado melhorado. A gente tinha curraleiro e ai foi acabando, por que era um gado pequeno, quando matava não dava nada, achamos que esse outro era o certo por que dava mais carne, ai chegava mais rápido. É um gado mais melindroso, que precisa ser zelado, por que aqui os curraleiros quando nos criava, nós não tinha nem uma roça dessa. O guzerá é um gado do cifre maior, que tem mais carcaça, que é maior. O Valmir também comprou um boi na época, todo mundo passou a ter o sangue do guzerá. Existe um cruzamento com os touros dos outros, então existe todo o cruzamento do conjunto do gado que existe, vai sendo tudo misturado, tem um touro que cruza com a vaca dos outros, do vizinho.

Uso o sal mineral e um sal composto para carrapato. A mosca de cifre atrapalha o gado comer, ela vem das fezes do gado, então o gado tem que estar sempre lambendo o sal. A gente usa também o cálcio para os ossos, esses dias meu gado não estava comendo, o gado tava quebrando as pernas atoa, eu acho que era fraqueza nos ossos. Vacina na campanha obrigatória, brucelose, raiva, sete mal, manqueira e botulismo.

Edvan Ribeiro Gomes, Neguinho

O projeto da casinha da árvore é um projeto que acontece desde dois mil e quatro e que ele foi construído para apoiar as crianças que estão com dificuldade de aprender a ler e a escrever. Por que tinha muitas crianças que estava na escola mas não sabia ler, então a Ana Claudia que é a coordenadora desse projeto casinha da árvore, e nós que somos as monitoras da casinha da árvore, e a casinha da árvore trabalha não somente com leitura e escrita mais sim com história contada pelos mais velhos, trabalha também com a identidade, falar sobre a cor, fala sobre o cabelo, fala para as crianças como que o nosso povo, antepassados chegaram lá, trabalha toda essa história. Também trabalha a questão das crianças serem educadas pedir licença, respeitar os mais velhos e também tem uma grande parceria que é a da dona Santinha, do Arnon, do Juraci que sempre vão, sempre são convidados para trazer a sua história para dentro da casinha da árvore, para contar para as crianças um pouco das histórias, dos acontecimentos que teve antes na comunidade.

Núbia Matos da Silva

Vereda



Colheita do Capim Dourado



Tabela de intensificação da produção

Família	Área atual	Estrutura e atividades	Área de ampliação	Estrutura e atividades planejadas
Rosineide	Barra da faveira - lado de cima	Roças	Marco Sarapião	Roça casa
Maurício	Brejo do capão	Roça e casa	Marco Isaías	Roça casa criação de gado
Paizinho	Barra da faveira	Roça	Marco Sarapião Raimundo Francisco	Roça casa criação de gado
Laurineide e Adelcinei	Barra do corta perna	Roça casa	Marco Santinho	Roça casa
Arnon, Fidela e Larissa	Brejo comprido	Roça de vazante	Marco Jose pretinho	Campiar coloca gado casa
Valdir	Barra do riacho caetano ate rio novo	Roça	Marco Manejido	Roça casa criação de gado
Jovan	Zé gago	Roça e casa	Marco de Zé Gago e Raimundo	Roça casa criação de gado
Adir	Brejo da lagoa- cunha	Roça	Marco Diolino	Casa roça curral criação de gado
Dalmaço	Barra da faveira	Roça	Marco Bertina	Roça casa criação de gado
Neguinho	Sumidor e caetano	Roça	Marco Raimundo	Roça casa criação de gado
Zulmira	Barra d faveira do lado de ca	Casa e roça	Marco Manegido	Roça criação de gado e casa
Ronaldo	Buritizal e Zé Delfino	roça	Marco Zé Delfino	Roça casa criação de gado
Adelson Júnior- caca	Ciqueira	Roça	Marco Ciqueira e Raimundo Lopes	Roça casa criação de animais
Ana Cláudia	Puçazeiro	Roça	Marco Liocadim	Roça e casa
Doutora	Oliço	Casa e roça	Marco Oliço	Roça e casa
Ciene e Adelino	Cupim	Roça	Marco Editor	Roça casa criação de animais

Comunidades Quilombolas das Margens do Rio Novo, Rio Preto e Riachão

SABERES E FAZERES

Mais paro consumo da casa a roça dá, a roça dá de verdade porque aqui nós não compra um pé de mandioca doce, não compra um litro de feijão, é lá pro final que eu compro um pacote de feijão. Nós não compra farinha, nós não compra ovo de galinha caipira, porque nós tem. A roça dá pra nós viver, não dá é pra toda coisa, pro cê calçar, pro cê vestir, pro cê embrulhar, viver com tudo da roça pro cê não dá, mais pro consumo assim de você comer pra evitar de você comprar lá no mercado, eu acho que pra mim a roça dá. Eu acho muito bom meu lugarzinho aqui, porque eu não gosto de cidade, de morar na cidade, quando eu vou pra alguma cidade fazer consulta, fazer exame eu fico azucrinada, doida querendo voltar pra minha casa, porque eu já acostumei, nasci e criei trabalhando dentro de roça eu não guento vida de cidade. Única coisa aqui que nós compra definitiva é arroz, que nós num planta. A gente vai lá compra o arroz, compra o óleo e o café, mais essas outras coisas nós num compra graças a Deus. O leite nós tem pra merendar de manhã, cuscuz com a farofa do ovo de manhã. Tira quando as vacas tá parida, tira leite todo dia quando tá aqui, quando tá lá no gerais é mais difícil, mas nunca faltou assim um leitinho pra ferver de manhã pra merendar.

Iracema Pereira

O gado come da bucana a estiva, não atravessa a estiva paro outro lado, a bucana as vezes atravessa, mais é por acaso, mais ele come entre a estiva e a bucana, é nesse meio, até a cabeceira da bucana ele come. Na mesma área fica o gado do Nilton e do Samuel, o trato é cada qual faz o seu. Leva pra lá, e volta cá pro Gerais, pro refrigero. Vacinação e sal cada qual bota o seu, mas o gado tem vez que junta e lambe tudo, mas cada qual tem seu saco de sal pra colocar nos cochos, mais o gado tá junto um vai lambe, outro vai lambe, cada qual, e nós não vai separar não, que quem vai mandar é a boca do gado quem vai lá lambe. Conhece o gado pelo ferro, reconhece também a pinta do gado, cada um tem seu ferro, e a pinta conhece, vez que conhece até o rastro do gado de cada um, que é pouco, conhece até o rastro.

Edemi Ribeiro Alves

Seu Edemi e Dona Iracema





Rio Preto

Moro, nascido e criado aqui. Na fase dos cinquenta, nascido e criado aqui e eu tenho cinquenta e três anos de idade. Vivo aqui do gado e do manejo da roça e do capim que a gente sempre colhe para poder manter. O gado é no campo mesmo, é solto mesmo, sessenta cabeças. A cria aqui a gente vende alguns para manter as despesas da casa e outras vezes a gente deixa aí, ou mata algum para alimento. Leite é consumido aqui mesmo, por que aqui somos uma comunidade e a gente tira para a gente e para os vizinhos. A gente não tira todo dia, é um dia sim e outro não, então a gente nem sabe quanto tira por mês. Só que sai muito leite, por que a gente tem as despesas da casa e ainda tem os amigos da comunidade que a gente tem que dar para cada um. Eu nunca usei vender não, sempre uso dar assim para ajudar, que aqui é tudo família e a gente ajuda assim, com um gole de leite para dar as crianças, nunca cheguei o ponto de vender não. Os bezerros muitos deles eu vendo e outros eu deixo pra recria, e como eu acabei de falar às vezes eu vendo em caso de necessidade para ajudar na hora de uma doença, uma hora ter um dinheiro, uma hora compra alimento de casa, que não é toda vez que as da roça adquirirem, aí o do gado é sempre para manter.

Esse ano teve um prejuízo, mas nasceu dezesseis bezerros, apesar de que tem umas vacas que estão aí na hora de parir, eu pensei que ia dar uns vinte e poucos bezerros, mas teve uns prejuízos danados aí, onça comeu, então tem uns dezesseis. Já cheguei vender até sete. Os maiores que tem aí, a proposta que colocaram para mim foi de mil de duzentos, já os menores coloram oitocentos. E só o meu gado, só que apresenta outros gados misturados que é como o gado desse menino aí, que está aí misturado com meu gado aí, e não deu certo, eu meio que não estou nem achando bom, não vou mentir porque esse gado que vem é só para dar prejuízo, por que meu gado é tratejadinho e com outro gado de fora meu gado não dá certo, acaba dando prejuízo.

Queimada depende da chuva, tem vez que a gente faz em maio, julho, agosto, que a gente faz, se ver que não vai ter prejuízo, mas a gente faz acompanhado, a gente faz essas queimadas mas é acompanhado. Nunca avaliei quantos hectares a gente usa, tem que ser uma queimada meio grande, se fazer uma queimadinha pequeninha demais, é certeza que não dá para o gado comer, mas nunca suntei os hectares. Muitas vezes a gente queima em um ano em uma parte e no outro ano queima na outra, outro no outro ano, por que a gente tem que ter cuidado para não dar prejuízo, a área já é pouca. Por que talvez no outro ano não tem, a gente tem um manejo, a gente queima esse ano aqui e no outro ano já queima do outro lado é assim que é o manejo da gente, mas sempre no mesmo ano aqui eu nunca queimei.

Gado é só no campo mesmo, eu só uso o campo mesmo. Região boa, e o gado aqui se dá bem, o gado é gordo e costumadinho aqui, meu gado não sente falta. Sal mineral é sempre que eu dou aqui, é um ivomec, vacina.

Wilson Pereira Lobato

Vivo da criação do gado. Hoje tenho uns quarenta e cinco. Depende da necessidade a gente vai tirando e vai vendendo, baseadamente o gado grande a gente vende por mil e seiscentos, chega até mil e oitocentos, mil e novecentos, conforme o gado, o bezerro a gente vende na faixa de oitocentos e sessenta reais, então a gente sobrevive disso.

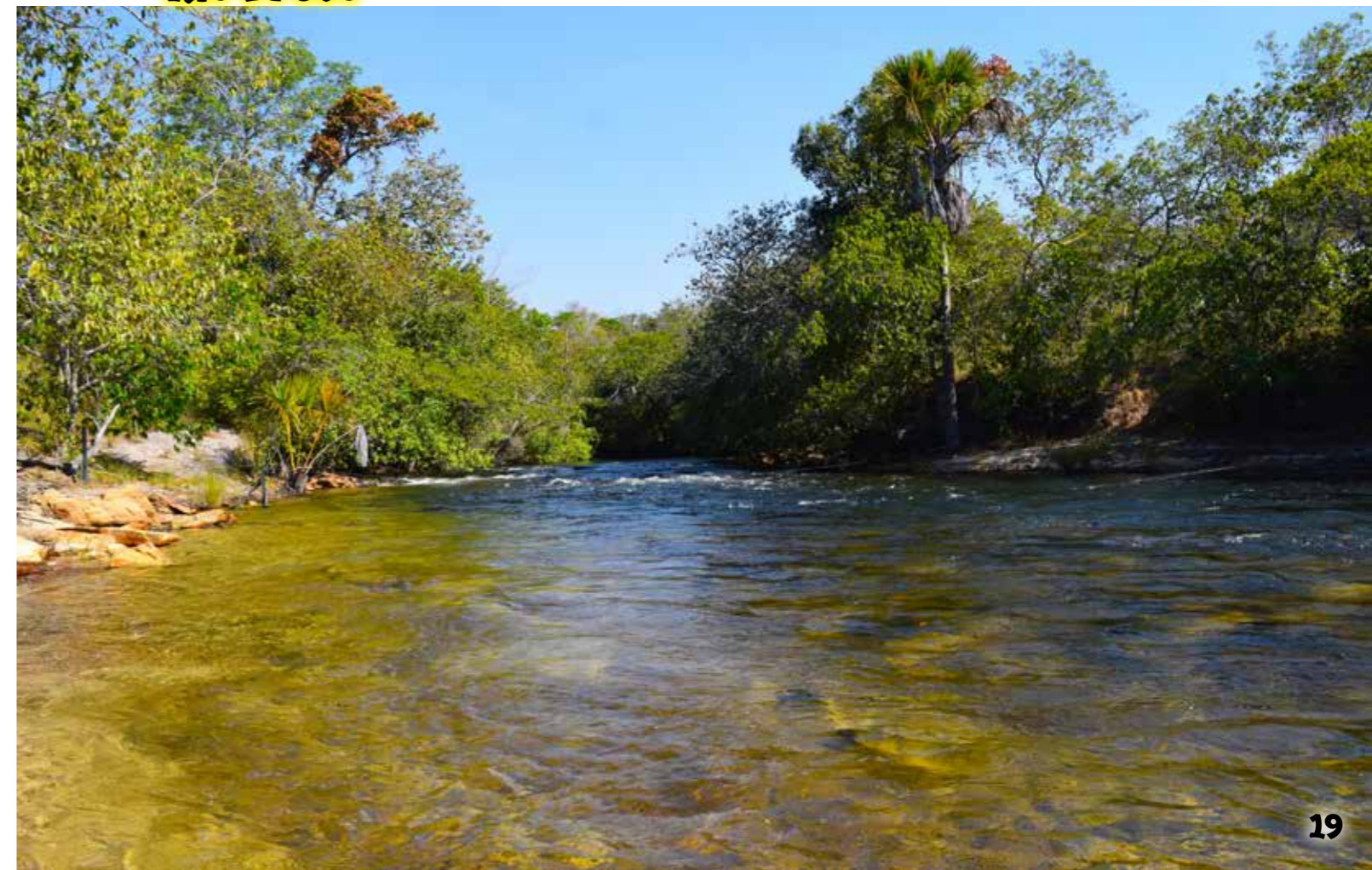
Quando não tem perca, tem anos que perde bastante e tem anos que perde menos, quando a gente não tem perca a gente pega mais ou menos uns quinze bezerros e quando perde vacas a gente pega de uns dez a onze por aí. Quando nasce mais macho a gente vende mais, mais ou menos cinco, seis por aí, por que a gente sobrevive é disso mesmo. Por ano a gente faz mais ou menos uma base de quatro a cinco mil, conforme a quantidade dos bezerros, se a gente vender mais ou menos, cinco ou seis, a gente vai apurar mais ou menos uns quatro mil reais por aí.

Minha área ela é meio grande, mais ou menos ela tem novecentos a mil hectares, do meu comando que eu uso para a manutenção do meu gado. A gente usa roça de pasto também. Por que sem a roça de pasto não cria. Ela tem mais ou menos um alqueiro e meio, por que a gente não estava podendo fazer, por que estava proibido, mas agora como foi liberado, a gente vai aumentar mais as roças, por que não estava dando para o gado.

Sempre o meu gado eu vacino do dia cinco até o dia vinte de maio que são o tempo da vacina, novembro da campanha. A gente sempre tem vacinas que usamos, principalmente a vacina da aftosa e brucelose que não pode deixar de vacinar, as outras tem a da raiva, tem a de botulismo, essas são as vacinas que a gente sempre vacina também. Uso também o sal mineral.

Gilvan Evangelista Cardoso

Rio Preto



Ele foi aberto mesmo em noventa e quatro, foi aberto esse esgoto, a gente faz a reforma do rego. Você vai limpando ele, ele vai aterrando e você vai limpando pra poder canalizar a água, mais aberto aqui foi em noventa e quatro. Aqui era uma vierinha de mata misturado com vereda, era uma matinha com vereda misturado, mais era mais mata que vereda. Bom quando cê esgota, que enxuga a terra, aí você vai capinando, limpando.

A primeira coisa que você faz é o rêgo, aí é a hora que o pantame vai enxugar, canaliza a água ali toda, aí cê vai plantando, com continuação vai plantando, vai rancando toco, vai plantando as coisas. O rêgo vai depender da caída que ele tiver, se for declínio muito grande a profundidade é menos, e se for meio reto é mais funda a profundidade, como esse declínio é mais ou menos ficou meio raso, as vezes chega a cinquenta centímetros, oitenta centímetros, deles que chega até um metro, largura de cinquenta centímetros. Depois da derrubada você vai faz o rêgo, queima aí faz o rêgo, depois do rêgo feito que você vai plantar. Na hora, você pode ir fazendo o rêgo e plantando, planta o arroz, planta a mandioca, até ir enxugando a terra. Tem vez que no primeiro ano ele só dá arroz, mandioca, já não dá o milho, que o milho é mais sensível na terra de lama. Aí a mandioca você pode plantar ela até de chucho, enfiando os taquim, dá até dentro d'água se for possível. Agora o milho e o feijão é mais sensível com água, aí com o passar dos anos, que a terra for baixando, vai enxugando mais, aí você planta seus trem, o milho, o feijão, essas outras coisas. De dois anos, dá tudo se botar.

Quando nós deixa ele pra ele fortalecer de novo, igual tá esse aqui o esgoto já velho a gente deixa ele fortalecer, aí roça e queima, aí torna plantar de novo, destoca a terra e planta, aí quando é esgoto novo não, cê é limpando e plantando, aí tá que cê planta, vai rancando o mato, e plantando de novo. Tudo capinado, olha esse mesmo aqui tá com quase dez anos sem o descanso, agora tem dois anos que tá descansado, cê vê o mato, o tamanho que tá aí, tem dois anos que ninguém trabalha nele. Depois descansa, aí vai pra dois anos, três anos pra ele reformar, pra tornar flutuar a terra de novo, que pra nós aqui o adubo do esgoto se chama a folha do pau, vai caindo e vai apodrecendo, ali quando você queima e roça e queima de novo pra plantar a terra tá com a acidez em cima, no jeito de colher tudo, e dá tudo. Queima uma vez a cada dez anos, é só roçando e capinando de enxada.

Por exemplo nós roça ele aí, derriba, mais do jeito que tá isso aqui nós roça e queima, aí vai folha, vai tudo mais, quando for roçar ele pra queimar as folhas desse pau aí já apodreceu tudo na terra, aquela que tá agarrada nos pau, aquela o fogo queima, cê cata os garranchos e leva enxada pra cima, capinando e plantando, na enxada. Descansando tem a base de umas quatro tarefa ou mais um pouco e produzindo é uma tarefa e pouco que tá produzindo mandioca, já colheu o feijão, é feijão e mandioca nessa que tá produzindo. As vezes planta o feijão, planta a mandioca junto, aí colho o feijão e a mandioca fica.

Se eu quiser molhar, represo ele, aí a água molha todos os cereais que tiver aí plantado, época de seca, se isso aqui secar, fecho o rêgo e a água com oito, dez dias molha, ali as vez que não vai nem dez dias, molha, solta a água de novo vai embora. Planto o ano todinho, verão com inverno com tudo, plantei ali no mês de maio um arroz e uma mandioca. Já fizemos oito quarta de farinha dessa mandioca do mês de maio e tem outra que eu plantei agora no mês de agosto. Com seis, sete mês tem raiz, a vantagem do esgoto é essa.

Rapaz eu nem sei explicar o tanto pra você que tem vez que no esgoto você ranca um pé de mandioca ele dá oito quilos, sete quilos, oito quilos um pé de mandioca, as vez dá até mais e na terra seca um pé de mandioca pra chegar oito quilo é pra ter muita raiz. Uma tarefa de esgoto com mandioca boa vai pra uma trinta quarta de farinha e vai pra uns dois mil ou mais quilo de mandioca, o esgoto faz o triplo da terra seca.



Gergelim colhido

Fui abrindo pouco a pouco com o tempo, aliás, foi quase tudo de uma vez só agora pra trabalhar é aos poucos, porque o rego tirei ele de lá e enxugou isso aqui tudo aí vai derrubando os pedacinho e plantando os pedacinho. Tem área que você usa no inverno, já outras só no verão porque a terra na beira do rio é baixa, você tá vendo aí quando é por inverno ela alaga aí não utilizo nada, só no verão porque o rêgo não segura a água que vem das enchentes do rio. Com o continuar do tempo o mato vai aumentando, conforme a terra vai sendo continuada que o mato vai rendendo pra você capinar mais, o esgoto novo quase não dá mato. Quanto mais a terra via enfraqueando mais o mato vai.

Na roça de toco planto mandioca, feijão, só, nem feijão aqui a gente não planta que veado come tudo não fica nada não. Mandioca, feijão e milho aqui quase não dá porque praga não deixa, passarinho não deixa nem nascer, ranca tudo e arroz capivara come tudo, não adianta plantar, então é mandioca mesmo e feijão. Derribou roçou, derribou aí queima, depois de queimado é que você vai e junta a madeira, que aqui as vezes a madeira não tem utilização, a madeira veia fina não é bom, queima tudo pra lá.

Edemi Ribeiro Alves

Aqui para falar a verdade eu vivo da rocinha, planto mandioca, arroz eu não planto, um feijãozinho, mas é muito fraco o feijão, o feijão não dá para o consumo, agora a mandioca eu planto, a mandioca dá para o consumo, eu tiro para comprar as coisas pra vim para casa. De comestível a farinha meia quarta tira um mês, agora para voltar o outro consumo é sempre quatro, cinco quarta por mês, duzentos litros, seiscentos reais por mês.

Eu planto roça de esgoto, de toco mesmo só o quintal mesmo da porta. O milho aqui a gente planta, mas as terras aqui não serve, a gente planta assim para assar uma espiguinha, mas não dá nem para consumo, é fraquinho. Arroz eu parei de plantar, por que o trabalho não estava compensando, muito passarinho. O milho também se plantar não compensa, por que se planta na roça o pássaro preto vem e ranca tudinho, quando nasce o pássaro preto ranca, aí não compensa. Essa área que eu planto, é uma arezinha sozinha que eu ainda trabalho, essa área está com quinze anos que eu trabalho nela, este próprio esgoto.

Aqui nós somos cinco, eu com a esposa e três crianças. A diferença é que o esgoto é melhor, é melhor assim por que o esgoto você planta e é difícil perder, por que é uma terra úmida, você planta da hora que entra outubro, aí chega àquela chuvinha e você não tem muito medo de perder, aí você planta até em maio.

A mandioca essa eu planto da hora que dá outubro até o mês de maio, nesse intervalo eu planto e rancando e plantando, que a roça é uma só, então é plantando toda vida que é para não acabar. A roça de toco eu só planto aqui de novembro para frente, se plantar antes perde. Em agosto já a gente está cuidando, roçando para agasalhar. A de esgoto é mais difícil de limpar, a de esgoto dá mais mato, por que a terra é fresca, e ele sobe todo tempo, e a de toco é uma terra seca e só sobe o mato quando pega a chuva mesmo. A mandioca aqui no esgoto é quatro limpa se quiser rancar ela no limpo, para dar boa a raiz é quatro limpa, por que limpa ela novinha loguim né, que o mato sobe junto com ela, limpa ai quando ela está mais grandinha, ai quando ela está mais grande limpa, e quando ela já está mesmo, tem que limpar de novo, por que senão não ranca na capoeira. A de toco aqui limpa ela duas vez ai já ranca, ela sem ser na capoeira, ranca ela no limpo. Ela nasceu, cresceu um pouco limpa e quando ela já está grande dá outra limpa, e só duas limpas na de toco. Faço também farinha de puba, por que ela é uma farinha boa para vender, para acudir a gente, quando você vem a vender dez litro dessa outra, você já vendeu mais de vinte da de puba. Ela é mais difícil, por isso eu não faço muito ela, essa mandioca que dá essa branca, não dá o mesmo tanto da de puba não, ela mingua quase metade. Eu não gosto de fazer farinha de puba por causa da diferença que dá na mandioca, mingua muito aí dá prejuízo para mim. Eu uso a massa para fazer um beiju e aquela outra que é a tapioca. A farinha eu vendo aqui pouquinho, que as pessoas procura pouquinho aqui, eu vendo fora, eu vendo em Ponte Alta, que lá eu vendo, tem o supermercado que eu faço compra, ai já lá eu vendo e já eu faço a compra, que lá eu já pago água, energia de lá, energia daqui.

A mandioca de esgoto tem diferença por que a de terra seca ela ensoa, e tem épocas que não serve para a gente vender a farinha, que ela é ensoada demais e a de esgoto não, é todo tempo, ela não da diferença, todo tempo é tempo de fazer farinha, é melhor. Todo ano tem que limpar, por que cria aqueles entulhos velhos de capim, de palhas velhas, capembas velhas de buriti dentro, e aí tem que limpar, por que se não ele aterra, que a água volta na terra e ai não presta não. E a mandioca está diminuindo, por que a terra está muito dura, agora eu já estou fazendo um rego lá, já estou trabalhando lá há duas semanas, que é para mim tirar assim umas duas tarefas de terra pra mim ir soltando essa, para ela descansar, vai ficar emendado uma roça só, mas que já é uma terra nova que eu vou fazendo. Essa terra eu acho que com menos de quatro ou cinco anos não adianta mexer nela não, ela está baixa, mas também ela já me ajudou, a banana, tem muita banana, mas já esfraqueou também, pelo menos os pés tem, mas os cachos lá já está pequenos.

Tadeu Ribeiro Alves

Uso a roça, a renda que eu tenho é a roça, que a roça por certo que eu tenho que manter, plantar o feijão, a mandioca, a batata, a banana, desde criança eu mexo com roça. Roça de esgoto, alguma vez que a gente derrubava de toco, de terra seca assim, mas por causa da chuva a gente está usando mais as de esgoto, até por que a de esgoto mantém mais tempo. Essa área eu já usei até quatro anos, a área é pequena. Nunca pude fazer uma área grande não, a condição não da, e a gente trabalha para manter as coisas da gente, tudo zelada, então não posso fazer uma área grande. Eu tenho a base de duas tarefas. Às vezes eu planto em uma parte, como é duas tarefas eu planto uma tarefa em um ano, aí no outro ano eu planto a outra e deixo a outra descansar.

Wilson Pereira Lobato

Mexo com a roça. Sempre a gente usa as duas, mas vamos falar da primeira, a do esgoto, por que o esgoto que a gente planta as coisas mais cedo e a gente planta mais na terra que são as coisas que a gente planta primeiro.

Primeiro a gente planta são maxixe, a melancia, o pepino, a abobora, o feijão e o milho, são os primeiros plantios que a gente faz, depois a gente planta a mandioca, a banana, a cana, a batata, o inhame, são essas coisas que a gente planta no esgoto. E a roça de toco seca a gente usa para a mandioca, arroz e o pasto para o gado.

No máximo é dois hectares e meio que a gente usa para plantar, quando é para mantimentos, o arroz e a mandioca. Essa roça de toco, os anos, o máximo que a gente pode usar é dois anos a roça de toco seca, e para ela voltar, e a gente trabalhar de novo nela é basicamente em quinze a vinte anos. Para a terra ter um descanso.

Gilvan Evangelista Cardoso

De primeiro eu criava muito porco, eu parei por que as roças são cercadas, mas é de arame, e porco para o senhor criar meu amigo. De primeiro meu pai criava assim era aquele tal de rodapé, o rodapé era os paus enfiado no chão topado, era o rodapé, ele fazia certa altura que não dava dos porcos saltar, nós criamos muito porco lá nessa região. Mas nós criava muito porco ai fomos parando de fazer essas roças desse tipo assim, é um bicho que caminha muito, a não ser no cercado, se eu criar ele solto ele caminha muito.

Josefa Chaves dos Santos

Eu sou artesã e colho capim dourado, colho e faço peças, porta panela, suplá, caixa, jarro, fruteira, pãozeira, essas peças todas, bolsas, também tudo eu faço. Vendo aqui mesmo, num acampamento que tem aqui, turista passa e a gente vende aqui mesmo na comunidade. A partir de setembro, a partir do dia vinte é a colheita. As vezes quando o ano é bom, que dá bastante, de vinte a trinta quilos, quando dá menos uns dez, quinze quilos por ano. Faço uns seiscentos reais, as vezes seiscentos, setecentos reais, tem ano. Colho só pra mim fazer, só pra costurar mesmo, não vendo o capim mesmo não, só as peças, eu colho ele pra costurar e vender as peças.

Eu vivo assim, do capim dourado, do meu bar aqui e comida também eu faço. Eu mesmo tiro a seda do buriti, tiro o olho e tiro a seda pra mim costurar. Se for continuar do jeito que tá, que tem muita gente que ranca ele verde no mês de agosto, tão rancando, se continuar assim a tendência é piorar, porque uns cinco anos atrás o capim era melhor. Eu ranco, as vezes eu arrancava de quarenta, quarenta e poucos quilos tinha ano e agora de cinco anos pra cá diminuiu muito o capim, porque tão arrancando muito verde e tem uns que ranca e não tira a semente pra jogar lá nas veredas, traz com as cabeças e aí tá acabando o capim.

Aqui mês de julho, mês de férias, mês de julho vende bastante, é o mês que vende mais, os outros mês também vende, mais sempre é menos, mais mês de julho vende mais, que tem o mês todo de férias, vem mais gente pra comprar. Os turistas que vem de fora que compra as peças do capim dourado. Para mim foi bom, que mesmo agora diminuiu mais a venda, mas eu digo uns seis, sete anos atrás foi muito bom, a gente vendeu bastante no começo ele, pra nós aqui foi uma renda muito boa, pra mim mesmo foi uma ajuda muito boa do capim dourado, me ajudou bastante. É todo mundo costura, mas o pessoal, a maioria tem sua renda particular, mas todo mundo costura também o capim dourado.

Cleuzilene Chaves dos Santos

Eu sou artesã. Ranco o capim dourado, costuro, faço as peças. Faço bolsa, pulseiras, tigelas, fruteira, todo tipo de artesanato. Vendo aqui na loja, nas temporadas de turistas, nos feriados, nas férias de julho, de dezembro, são as temporadas melhores para vender. Sempre eu ranco na terra do meu sogro. Depende da quantidade que tem, se tiver muito eu ranco mais, se não é pouco. Se tiver muito eu ranco uns dez quilos, quinze quilos. Eu acho que vai é piora, que já expandiu para tudo quanto é de canto, e já está ficando bem fraco, acho que ele vai cair mais.

Leni Batista da Silva

O capim dourado eu ranco, só não faço o artesanato por que não tenho tempo. A época é setembro, quando da vinte de setembro aí a gente ranca. Esse ano eu ranquei quarenta e seis quilos. Em dinheiro eu não fiz a soma, por que ele foi vendido de trinta e cinco, quarenta, quarenta e cinco, até cinquenta.

Tadeu Ribeiro Alves

Ranco, nessa época que tem o capim dourado, é certo que todo mundo aqui ranca capim, já é uma ajuda muito grande, eu acho que para todo mundo na comunidade o capim serve. A área do capim é de todo mundo, faz parte da comunidade, nunca saímos para rancar capim na área de outro não, sempre é aqui na comunidade mesmo. E para fazer o artesanato, que é para o consumo mesmo, vende aqui as peças, à gente faz, vende, e quando chega a vender, vende até para os mesmo da comunidade. Do dia vinte e cinco de setembro começa. Eu mesmo ranco é pouquinho, eu sou fraco para rancar capim, os outros é que ranca mais, mas eu sou fraco para rancar capim. Aqui a mulher costura.

É, antigamente a gente via muito capim dourado, hoje não está muitão mesmo não, acho que estão fazendo mesmo é uma coisa dessas, o povo pega a semente e joga fora, ranca o capim fora de época, muitos deles ranca até o pezinho, que tem que tomar cuidado pra não rancar e tem uns que não está nem ai não, passa é rancando é tudo, basta rancar verde que ranca o pezinho dele. Tem outras áreas a gente ranca em um ano em uma parte e no outro ano vai rancar na outra, é assim, ai a gente ranca ali e no outro ano a gente vai rancar aonde a gente rancou.

Wilson Pereira Lobato

Ranco capim dourado. Por ano a gente ranca basiadamente de cinquenta a sessenta quilos, é variado mais ou menos assim. Nós temos uma área que a gente ranca que é minha mesmo, e também a gente ranca em outras áreas que não é da gente, mais é o ponto da gente ranca todo ano, que é de todo mundo que quiser usar. Nos ranca para fazer artesanato, por que minha mulher costura, e quando sobra um pouco a gente vende. Mais ou menos, a gente não sabe é meio variado, mas vamos botar uma faixa aí de uns três mil reais, se a gente colher uns quarentas quilos, ao correr do ano, se a gente vender tudo, costurando a gente apura de dois a três mil reais.

Gilvan Evangelista Cardoso

Tem uns lugar que tinha água, que eu conheci que era de olho d'água, que corria água e não secava tempo nenhum e há alguns anos atrás secou. Não voltou água mais, tem lugar que não voltou mais água, que lá tinha um lugar que quando a gente viajava pra esses lados lá de casa, que era lugar de você descansar, cuidar dos animal, era água que vinha era da vereda, perto do cerrado e corria água direto. A aguinha ficava borbulhando assim direto, era o ponto de você se arrancar e muitos tempos atrás ele secou e não voltou mais.

Robenita Evangelista Cardoso da Silva



Membros da Associação, ASCOLOMBOLAS-R10S

Tabela de intensificação da produção

Família	Área atual	Estrutura e atividades	Área de ampliação	Estrutura e atividades planejadas
Manoel Ramos de Jesus e Robenita Evangelista Cardoso da Silva	Rio Lajeiro a margem do rio Novo	Casa, curral, roça de toco, roça de esgoto, roça de pasto, cerca no pasto e na roça, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, roça de pasto, cercar as roças, gado	Casa nova, criar porco e galinha em sistema semi-extensivo, galinheiro e pocilga, energia
Josefa dos Santos Chaves	João Preto, Beirando Rio Novo, barra do Bigorna, Nocêncio, dentro fica onça e georger	3 Casas, roça de esgoto, roça de toco, roça de mandioca no capão cercada, roça de pasto cercada, gado na solta, animal, galinha,	Roça de esgoto, roça de toco, roça de pasto, cercar as roças, gado	Curral, turismo: limpar olho d'água e estrutura de suporte para turismo, produção de doce de caju e buriti, energia
Josimar Rodrigues Chagas, Zisélia Rodrigues Chagas e Pedro Chagas dos Santos (Falecido)	Bigorna ao brejão, getulio, puçá, lagoa, fuzil, pedra furada capaã de acilon, mata mineira, fel lama, brejão presilina, cajueiro, pequizeiro	4 casas, roças de esgoto, roça de toco, gado na solta, galinha, curral, artesanato de capim dourado	Roça de esgoto, roça de toco, gado	Curral, energia
Edemi Ribeiro Alves e Iracema Pereira Gonçalves	Bucana ao Estiva margem do Rio Preto	Casa, roça de pasto, roça de esgoto, roça de toco, extrativismo: buriti (fruto e seda), pequi e caju, curral, gado na solta	Roça de pasto, roça de esgoto	Energia
Hilda Bonfim e João Castro	Brejo do Vau, Serra do Guará, serrinha da estiva para baixa. bucana	Casa, roça de pasto cercada, roça de esgoto, curral	Casa, curral, roça de esgoto, roça de pasto, cercar as roças	Energia
Diocleci Rabelo Tavares e Leonor Castro Tavares	Cinzeiro, três riachos, margem do Rio Novo	Casa, curral, gado na solta, artesanato de capim dourado	Gado	Quintal produtivo, roça de pasto, roça de esgoto, criação de galinha, criação de porco, energia
Minelvina José da Silva	Cinzeiro, brejo do burro, Margem do Rio Novo.	Casa, roça de toco, roça de esgoto	Casa, roça de esgoto, roça de toco	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, gado, turismo

Família	Área atual	Estrutura e atividades	Área de ampliação	Estrutura e atividades planejadas
Deusenir José Ribeiro Albanir Ferreira dos Santos	Barra do Riachão, margem do Rio Novo	Casa, roça de toco, roça de esgoto, roça de pasto, gado na solta, galinha	Casa, roça de toco, roça de esgoto, roça de pasto, gado, galinha	Turismo ecológico, criação de porco, energia
Maria Angélica Tavares da Silva e Julião Castro da Silva	Riachão, Água de Regra, margem do Rio Novo com Rio Preto	Casa, roça de toco	Casa	Casas, roça de esgoto, roça de toco, roça de pasto, energia, curral, gado, criação de galinha, criação de porco, cerca, artesanato de buriti e buritirana, extração de óleo de piaçava e buriti.
Maria Ribeiro Macedo	Brejo Estemeu e emenda, margem do Rio Novo	Casa, roça de pasto, gado na solta	Casa, roça de pasto, gado na solta	Casa, roça de toco, roça de esgoto, criação de galinha, criação de porco, cerca, energia
Tomé Rodrigues Santos e Abelina Evangelista de Almeida Diomar Alves dos Santos e Edna Almeida dos Santos	Margens do Rio Preto e Rio Novo	Casa, gado na solta, roça de pasto cercada, roça de toco, roça de esgoto,	Casa, gado na solta, roça de pasto, roça de toco, roça de esgoto, criação de galinha,	Casa, turismo ecológico, artesanato de buriti e buritirana, extração de óleo de piaçava e buriti
Isadora Moura	Brejo do Sucupira, margem do Rio Preto	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Nilton Pereira Lopes e Kátia Felipe de Jesus Lopes Nilvanir Pereira Lopes e Samuel Pereira da Costa	Brejo Estiva, margem do Rio Preto	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Joaquim Gonçalves dos Santos	Lajeado, margem do Rio Preto	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia

Família	Área atual	Estrutura e atividades	Área de ampliação	Estrutura e atividades planejadas
Gilvan Evangelista Cardoso e Maria Rodrigues Chaves Cardoso	Corduleira, mata verde, margem do Rio Novo	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Daniel dos Santos Chaves e Roberta Rodrigues dos Santos	Corduleira, mata verde, margem do Rio Novo	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Jocelino Rodrigues Chagas e Silvânia Batista da Silva	Margem do Rio Novo	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Genilton Souza Chaves e Alaides Rodrigues Chaves	Brejo Estemeu, margem do Rio Novo	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Robenita Evangelista Cardoso da Silva e Manuel Ramos de Jesus	Mata verde, margem do Rio Novo.	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Maria da Glória Evangelista Cardoso	Fazenda Nova, margem do Rio Novo	Casa	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Abelino Pereira Lobato e Maria Conceição	Brejo Danta, margem do Rio Novo	Casa, roça de toco, roça de esgoto, curral, gado na solta	Roça de toco, roça de esgoto, gado na solta	Roça de pasto, criação de galinha, criação de porco, energia
Comunidade	1. Escola; 2. Posto de saúde; 3. Abrir estradas; 4. Pontes: Frito Gordo, Lameiro, João Preto, Criminosa, Onça, Bigorna, Estemeu, Lageiro, Água de regra, João Preto, Bigorna, rio Preto			



Programa de Produção e Monitoramento dos Sistemas de Produção Agropecuária e Manejo de Bens Naturais

1. Infra - estrutura e serviços para apoio a produção

O que a gente espera é melhora, a gente queria energia pra lá, já fizemos o cadastro só que nunca saiu.

Minha mãe tem o projeto de fazer um posto de saúde lá, na área dela, ela já fez o projeto pra fazer escola. Lá tinha escola, só que o prefeito na época desativou. Que se voltar a escola pra lá, se voltar o posto de saúde, é claro que ninguém ia sair, ia todo mundo pro seu localzinho. A gente queria fazer escola, queria fazer posto de saúde lá né e aí ter outro meio da gente conviver, pros filhos da gente voltar a estudar, todo mundo voltar pros seus lugar, trabalhar junto com seus filhos.

Robenita Evangelista Cardoso da Silva

Caminhos do Jalapão



A gente interessa de criar estrada, arrumar aquela ponte do Frito Gordo, do Lajeiro e da Água de Regra, que é bem pertinho uma da outra. Um acesso melhor pra gente, pra poder fazer alguma coisa, porque se planta as coisas, mas você não tem como tirar de lá, trazer pra cá, pra você sobreviver porque não tem transporte pra você. Se tem uma estrada melhor, qualquer carro vai.

Robenita Evangelista Cardoso da Silva



Vegetação Nativa

2. Ampliação das roças de esgoto e de toco

Eu acho que nós tínhamos que continuar igual o povo mais velho, foi criado derrubando roça de toco roça de brejo, plantando arroz, milho, feijão, e é dessa maneira que temos que voltar atrás, não ficar dependendo de lavoura de mercado. A terra é boa, tem lugar aí que quando você vai para o campo, faz é atolar na terra fofa, você pode plantar qualquer coisa que nasce. Eu vou é continuar na roça mesmo, criar porco, plantar mandioca, abóbora, batata, o milho, assim com esgoto pra criar um porco é sossegado, você cria um porco sossegado.

Ronaldo Matos da Silva

É a melhor forma de plantar, é o lugar melhor que tem pra se plantar é o esgoto, porque o esgoto você planta sem chover, você planta no inverno, planta no verão e a planta melhor mesmo do esgoto é no verão, o milho você pode plantar milho de outubro, o feijão no mês de agosto, você pode plantar a mandioca, você planta cedo e na terra de toco você só pode plantar quando tá chovendo no mês de novembro pra frente. A intenção da gente é fazer mais, evoluir mais. A gente quer aumentar os esgotos da gente, fazer mais esgoto, que tem terra pra que possa fazer esgoto na área nossa.

Robenita Evangelista Cardoso da Silva

As águas estão secando, as águas estão acabando, e aí a gente está voltando, por que antigamente a gente plantava mais na roça de esgoto. Toda a vida a gente fazia assim, uma parte na roça de esgoto e a outra parte na roça do capão, por que o esgoto o que acontece, se eu planto a banana, se eu planto o andu, o feijão, ele dar o verão todo, é uma terra que dá o tempo todo, tanto faz estar chovendo como não. A umidade sobe, e o esgoto o que que acontece, se a terra está muito seca, o senhor entope aquele rego, joga aqueles bolos de lamas dentro do rego, então a água volta, e a água sobe e molha a terra. Na terra seca não tem como, as vezes planta se estiver chovendo, porque o ano passado nos fizemos três planta lá de mandioca e morreu tudo.

Josefa Chaves dos Santos

Plantar mandioca, no esgoto para cereais é melhor. Vou abrir mais um pouco de roça de esgoto ali para cima, vou aumentar mais um pouco, quando ele vai ficando muito cansado, como eu te falei, a gente vai largando ele para ir descansando. Depois volta atrás de novo, por que a terra de esgoto é igual monturo, é só jogando cisco e apodrecendo. Você vai trabalhando e chega um tempo que ele estanha, quando estanha você larga ele de mão e vai criar mato e vai apodrecer ali por cima e pensar que não está outra terra de novo.

Edemi Ribeiro Alves



Roça recém aberta



Roça de esgoto em descanso

3. Manejo do gerais, ampliação das roças de pasto e da criação de bovinos

Tem que fazer mais roça pra plantar o pasto e tem que fazer cerca pro gado não entrar, que se você plantar a mandioca tem que cercar a roça pro gado não entrar, e o pasto você tem que cercar porque senão as coisas dos outros entram e possa comer, então tem que cercar, e outra vez tem ter manejo, é cercar e se tiver outra roça é colocar de uma pra outra que se você colocar tudo numa cerca vai tudo de uma vez né aí tem que ter o manejo, roça de pasto tem que ter o manejo bota ne uma roça bota ne outra e quando aquela voltar o pasto volta pra lá de novo e tem que ter cerca você tem que cercar.

Robenita Evangelista Cardoso da Silva



Gurral

O que eu estou querendo fazer lá é pasto para mim criar minhas vaquinhas, por que o pasto está pouco e como está ficando seco hoje tudo. Fazer roça de pasto, meu objetivo era esse.

Edemi Ribeiro Alves

Por que aqui é assim ó, nos bota o fogo, mas vários gados vão pra lá, o gado meu vai pra queimada de Valmir, o de Valmir vai pra queimada minha, o de Mauricio vai pra queimada minha, o meu vai pra lá, ai queima tudo na época certa, mas os bichos ficam triando, ai nos sabe de quem é o gado de fulano de fulana.

Ronaldo Matos da Silva



Baixão



Vereda

4. Griação de pequenos animais – porcos e galinhas

Voltaria e criava porco, galinha. Você tem que prender e tem que soltar, porque se você criar diretamente preso, também não dá porque eles vão pra laje, eles fuçam nos brejos. Seus vizinhos tem as roças lá, não tem como você criar solto, também porque

eles vão pro do vizinho, você tem que criar mais preso. Você cria preso e depois solta, o porco é o seguinte ele não anda muito no sol quente, ele anda pouco, o problema dele é de noite, o porco anda mais de noite, a tardezinha, é nessas horas de você prender eu criei muito lá e era assim, eu tinha muito porco.

Robenita Evangelista Cardoso da Silva

Eu criava muita galinha lá. Eu gostaria só não crio porque é nesse vai e volta, mas eu gostaria. Eu já falei tanto que se eu achasse uma pessoa, assim dos meus, por que eu não quero gente de fora, uma pessoa assim dos meus para morar lá mais eu, eu ia criar galinha, ia caçar um meio de comprar uma tela e cercar e criar minhas galinhas, de primeiro lá eu criava era solta por que lá o lugar é capão, é onde galinha espalha para tudo quanto é lado.

Josefa Chaves dos Santos

5. Manejo das queimadas utilizando aceiros

Tem muita gente que entende da época certa, os criadores entendem da época certa. Quer ver tem dois interesses que é no fogo, tem o interesse produtivo que é o nosso, de manejo e tem o interesse ecológico que é queimar pra não dar incêndio, ai onde tá o grande erro, e por conflito eles tem uma idéia e vocês tem outra, e a idéia dele é dizer que não existe conflito. Em maio é cerrado, em junho e julho é vereda, aí você pode botar a partir de uma hora da tarde, três horas, se tem marcação o fogo vai até naquele limite certo. E o fogo do cerrado já se torna como um acero, porque na campina ele não vai queimar muito, ele queima ali assim, mas fazendo triangulo, fazendo triangulo, ai quando você coloca o fogo no mês de junho, o fogo já não sai pra fora, já topa no meio, no mês de maio, já não vai pra vereda porque tem muita água.

Ronaldo Matos da Silva

Eu nasci e criei fazendo aceiros e sei como é que faz aceiros. Por que eu ia queimar uma parte no mês de maio, outra agora no mês de julho e a outra agora em setembro, por que a gente faz o aceiro na frente e quando o senhor faz o fogo ele só vai até aquela queimada preta.

Josefa Chaves dos Santos

6. Extrativismo sustentável

Rancho, nessa época que tem o capim dourado, é certo que todo mundo aqui ranca o capim, já é uma ajuda muito grande, eu acho que para todo mundo na comunidade o capim serve. É, antigamente a gente via muito capim dourado, hoje não está muito mesmo não, acho que estão fazendo mesmo é uma coisa dessas, o povo pega a semente e joga fora, ranca o capim fora de época, muitos deles ranca até o pezinho, que tem que tomar cuidado pra não rancar e tem uns que não está nem ai não, passa é rancando é tudo, basta rancar verde que ranca o pezinho dele.

Wilson Pereira Lobato

A questão é que se você queimar na época certa, o capim da época certa, porque o chão ainda tá molhado ainda, mas se você queimar em agosto que queima tudo, até o toco dele, ai vai nascer capim aonde? Nesse tempo seco, tem que queimar perto de uma chuva, porque o fogo só queima a cachopa dele, em cima do pé, ai queima num

tempo seco de agosto e queima até a sapata dele, ai nem que esteja puxando umidade, ai passa chuva por cima dele ai ele some. Lá em paizinho ele colheu foi dois quilos ou foi três quilos, porque queimou na estação certa.

Ronaldo Matos da Silva



Vereda



Capim Dourado

Vou só mexer para roçar o buritizeiro, eu pego a fruta, eu tiro o olho para costurar o capim dourado, estão reformando, lá era algum pezinho, se você for lá hoje tem mais de cem pé de buriti, tudo lá começando a descascar as canelas.

Caju sempre a gente coleta põem no frizer, faz doce, isso é mais devagar.

Edemi Ribeiro Alves

O capim dourado é uma ótima fonte de renda, um trabalho sustentável. Precisa aprimorar as embalagens, mais prateleiras para que ninguém tirasse peça do outro do lugar para colocar a sua, etiqueta combinando com a peça. Trazer as peças com etiqueta e manter o caderno em dias.

Zeleni Barbosa Ribeiro da Silva

7. Formação e organização

Em primeiro lugar nos precisamos se organizar, o grupo precisa se organizar, voltar para os seus locais e começar a produzir, construir suas roças, suas moradias, ou que seja as suas reformas das casas e as expectativas é que todos resgatem a cultura da comunidade.

Valdete Castro

A ideia é que não pare, que sempre tenha sequência, que tenha também mais parcerias também por que a casinha da árvore também precisa de parceiros, por que a Ana Claudia trabalha com os livros didáticos que são livros selecionados, não é qualquer livro que é trabalhado. Então tem que ter parceiros para mandar livros, para mandar esses materiais que é de difícil acesso, por que a gente não pega esse material da escola, a gente seleciona os materiais para ser trabalhado, por que o objetivo é trabalhar com o que conta a realidade da comunidade e das crianças. Não que os outros, que a história de São Paulo eles não tem que saber, lógico que eles tem que saber, mas a gente prefere trazer mais o contexto deles, textos do campo, textos das comunidades quilombolas, para fazer que eles conheçam mais sobre eles mesmos.

Sirlene Matos da Silva

Eu vejo assim, lógico que é importante que os jovens se divirtam, brinquem, joguem futebol, mais eu vejo que eles precisam entender as causas da comunidade. Por se uma comunidade quilombola, por ser uma comunidade que está em conflito com o parque, com os conflitos dos territórios, eu percebo que poucos jovens conhecem sobre isso, assim poucos jovens sabe falar o que está acontecendo, então eu vejo que a gente tem que fazer um trabalho para que todos fiquem sabendo, que todos falem a mesma língua, que todos fiquem sabendo a real situação do seu quilombo, e eu vejo que nem todos os jovens sabem falar sobre o que está acontecendo, por que falta interagir mais, falta participar mais.

Sirlene Matos da Silva



Programa de Turismo

1. Criação de pontos para turismo ecológico de base comunitária

Eu estou com um projeto lá desse olho d'água. Tenho um fervedouro, eu tenho o meu olho d'água, eu tenho o rio novo, lá que é bem pertinho da minha casa, umas praias lindas, umas cachoeiras muito bonitas lá na porta, e eu preciso ter minha renda, é na minha porta, é no meu terreiro. Uma hora chega uma pessoa lá e precisa de comer um beiju de tapioca, comer uma rosquinha seca de tapioca que eu sei fazer, eu não vou dizer que eu sei fazer bolo especial, que eu não sei fazer e não vou mentir, o que eu sei fazer é um doce de buriti, é um doce de caju isso e que eu sei fazer.

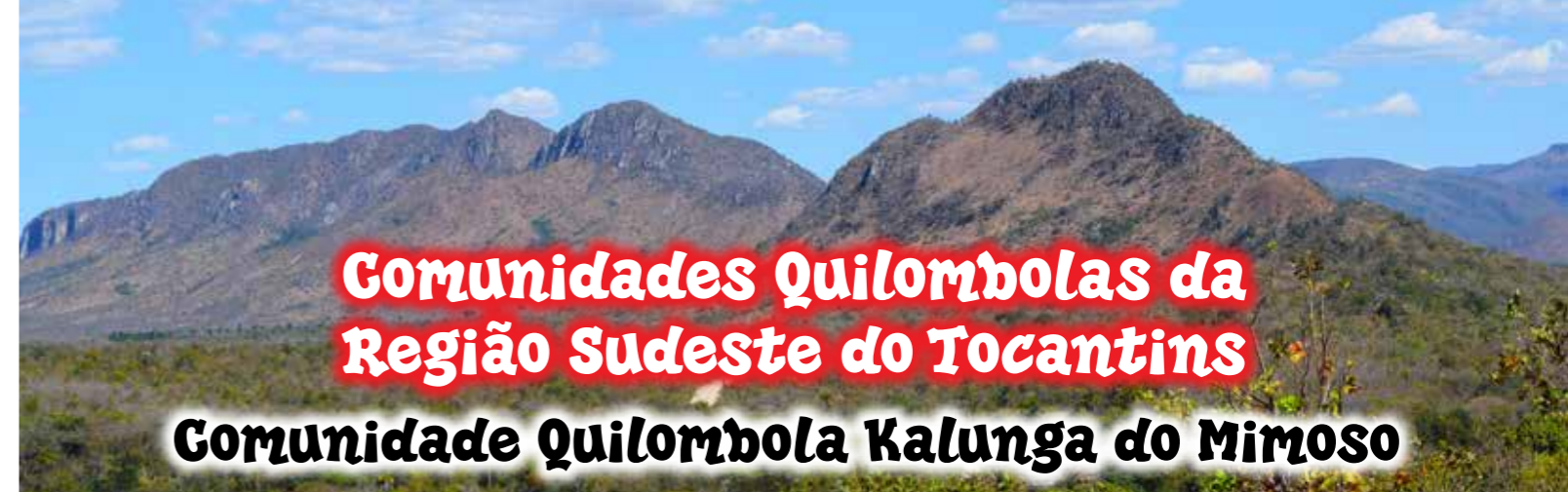
Josefa Chaves dos Santos

2. Comercialização de produtos alimentares e artesanais

Minha expectativa é a gente na verdade unir, se organizar, fazer capacitações, resgatar os nossos filhos e netos e pessoas que ainda não aprenderam a cultura, que são as formas de usar o buriti, como a gente usava antes, que é fazendo esteiras, as mantas, o balaio, o tapiti. Para gente também comercializar no turismo não somente o capim dourado, mas essa é a nossa pratica, que é essa de artesanato que a gente vendia, levava para a cidade para fazer as trocas ou venda, para comprar os outros mantimentos que a gente não tinha. A outra coisa a gente também organizar no sentido dos nossos plantios para vender galinha caipira, ovos, o leite, a gente fazer o doce, o requeijão e também do coco piaçaba que é tirar o óleo do coco, o óleo de buriti, para a gente

também estar incluindo na nossa cultura, e também apresentar aos turistas essa nova opção. Como aqui mateiros o foco é capim dourado, mas na nossa comunidade nós temos essa outra cultura que ainda não foi descoberta, que a gente quer mostrar as pessoas a nossa cultura. É esse turismo sustentável, que não venha agredir, mas que possa conhecer a nossa realidade, principalmente de roça também, que a nossa roça ela é roça de esgoto, que nossa área não é uma terra fértil, mas uma terra fraca, que a gente faz nas veredas, a gente trabalha lá com esgoto e roça de toco, nós não usamos maquinário nenhum, mas trabalhamos com esse tipo de produção, e levar para eles, mostrar a importância que tem a nossa cultura que não degrada o meio ambiente e sim multiplica e fortalece, e isso que nós queremos levar para os turistas.

Elzita Evangelista Rodrigues Rufo



Comunidades Quilombolas da Região Sudeste do Tocantins

Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso

SABERES E FAZERES

Essa roça de toco está com dois anos. É, já tinha tido roça aqui há mais ou menos uns dez anos. Aqui não era nem bem uma mata grande e nem cerrado, era assim misturado. Tem um rio, mas só nas águas mesmo, só quando está chovendo. Foi roçado mesmo na foice, aí começou pela foice, passou pelo machado e aí queimou, depois de derrubada queimou, aí foi fazer a cerca. Começou de julho para agosto. Queima de setembro pra outubro. Planta de dezembro para janeiro. Já foi misturada mesmo, primeira planta a mandioca depois planta o arroz, vem o milho, abóbora, melância e esses trems. Tudo junto. Planto de matraca. Adubo só o da terra. O arroz é de quatro mês. A mandioca essa já passou para os dois anos. Já estava aí quando plantou o arroz. Estava cheinha de mandioca, é porque caititu comeu tudo e só ficou esses pesinhos assim, quando a gente alimpou de novo foi saindo esses pés. Não aproveitou a mandioca não, a primeira não. Nem o arroz, não deu nada, por que não deu chuva para ganhar. Só deu esse ano. Só foi limpado mesmo na enxada, mato bruto mesmo, sem queimar. Foi na enxada mesmo assim até limpou tudo. Agora está aí, o que não queima de sol vai juntando para joga fora, vai jogando cisco para o defora da cerca. Uma metade do cisco ficou aí e a outra jogou para fora. E por que essa parte do mato que ficou aí queimou do sol, aí juntou só aquele cisquinho alí. Arroz deu bem.

Colheita foi em abril. Colhe e depois bate ali na banca. Aí leva para casa, guarda no saco. Vender eu não vendo não, é para a despesa mesmo, nunca vendi. Só quando tem bastante mandioca que a gente faz a farinha no ralo e vende, mas a não ser é para casa mesmo. Se a cerca garantir aí, pode plantar até uns cinco anos, mais o causo é a cerca. A cerca é para segurar o gado. É o que mais tem aqui, ninguém cria preso. Tinha gado, acabou, agora é que estou começando de novo. Mas estou começando de agora para frente, mais também é pouquinha, é um negócio de umas cincos reis por aí, é pouquinha



Elaboração do Plano de Gestão Territorial

Gasa de Palha



é só uma sementinha. Estão solto, mas esses que tem aí, que os pessoais têm, tudo é solto. Todo mundo cerca a roça. Todo mundo cercava de madeira, mas agora é pouco, só eu aqui, e contado os que cercam de madeira, todo mundo mais agora só que arrame. Se não eu não cercar de madeira comia nada, os caititu assim mesmo não respeitou, e comeu ela. E até o gado, é mais difícil para o gado, por que o gado já aprendeu com o arame, aonde deu certo de chegar. Cerca de madeira é mais segura.

Vem pássaro preto, e eu não sei nem como o povo chama aquele periquito, eu não sei nem como é que o povo trata ele, é guerreiro. Para o arroz é mais gado e porco, mesmo de casa, mas esse é pouco os que têm aqui, aliais nem tem. Ataca é a mandioca, é só o caititu mesmo, mais é ele. Catitu tem muito, a cutia também ataca demais, e o quati que acaba com todo o milho. Tem a cana também olha lá, sempre tem ela acompanhando, é pra tá mesmo chupando, corta umas varinhas e vai chupar, tendo um tempo moi, beber a garapa. Só quando essa roça acabar para abrir outra. Se a cerca aguentar eu vou plantando aí, um ano, dois anos, três anos, eu vou levando, ai o dia que a cerca não aguentar mais, a terra aqui é uma terra muito boa.

Dura de oito a dez anos cada roça. Esse ano já pode aproveitar a palha do arroz, já pode dar ração para o gado, a não ser se não tiver o gado para comer, tem que espalha ela todinha no meio da roça para mode ela dá alimento na terra e ficar mais forte. A cerca é feita com a madeira derrubada para fazer a roça.

Eremito dos Santos Rosa

Crio gado, dou ração, crio no campo aberto e fechado também. A pastagem seca tudo, então a alimentação fica pouca, é agora no tempo da seca. A palha do arroz e a cana de açúcar a gente usa ela pro gado. Tenho uns 25 a 30 bezerros. Planto arroz, milho, mandioca e cana, é de custeio não vendo não.

Domingos Rodrigues de Souza



Gurral

A principal renda é a rocinha que planto todo ano, e quando uma diária de serviço paro o outro. Quando tem a roça a gente aproveita a ração, e quando não tem usa os produtos naturais do campo mesmo. Aproveito a palha do arroz, a rama da mandioca, a raspa da mandioca, quando descasca também dou.

Francisco Soares de Souza

É a roça de toco. Planto milho, abóbora, batata, cana, mandioca. O arroz e milho não vendo, só a farinha que vendo. Crio gado. A maniva dou tudo pro gado, a cana de açúcar corto e dou pro gado também. A falta da chuva aí fica muito seco.

Manuel Joaquin de Souza



Horta

É a roça de toco. Planto milho, abóbora, batata, cana, mandioca. O arroz e milho não vendo, só a farinha que vendo. Crio gado. A maniva dou tudo pro gado, a cana de açúcar corto e dou pro gado também. A falta da chuva aí fica muito seco.

Manuel Joaquin de Souza

É a roça, é roça de toco. Só mesmo a roça e as vaquinhas. Só mesmo pro consumo. A gente armazena a palha de arroz pra dar pras vacas fracas como ração. Só na época da vacina, vacinar direitinho.

Leônida Silva de Jesus

É o gado que crio e lutar pela roça. Varia sempre tem ano que dá palha de arroz, outro mandioca, outro milho triturado e cana. É ter um pasto pra deixar o gado tranquilo, pra não morrer, e a falta da chuva.

Emilio dos Santos Rosa

É a roça, planto milho, arroz, abóbora e mandioca. É a roça de toco. É só pro consumo.

Ilmar de Oliveira Xavier

Semente de capim armazenada



É a criação de gado, galinha, porco e roça de vez em quando. Roça de toco. Palha de arroz dou pro gado, só na seca porque quando chove ela apodrece. A gente tira o caldo da cana pra tomar e usa como ração pro gado.

Terezinho Rodrigues da Cunha



Griação de Porcos

Eu tenho essa cisterna aí, já tem mais de ano, mais só veio usar agora nessas águas de agora. A minha foi assentada agora nunca usei, não tá dependendo, a bomba não tem não. Pois é nós usa ela, a água é boa, quando não tem a água da caixa, nós usa ela também, e é usando, lava vasilha, e a água dela diz que não esquenta, a água dela é fria, boa aqui quase todo mundo tem ela aqui. Tem um bocado que não tem, lá pra baixo tem uns pouco, só tem Ana, Isaías, Rosendo. Mas a água aqui quando não tem na caixa eles pegam no Cana Brava, eu mesmo aqui só encho com água do Cana Brava. Puxo de bomba, aí ela cai, vai enchendo, e eu vou usando lá embaixo, só tem quatro pessoas que não tem, agora os outros puxam da chuva, só Rosendo, Paulo, Mariano e Isaías que não deram sorte.

Anita dos Santos Rosa

Na serra tem a gariroba, o buriti, algum lugar tem e outro não tem. No lugar mais baixo tem a mangaba, o pequi, tem o coco, tem tudo. Na serra a água nasce sempre da serra, então você vai ter um monte de rio nascendo. O gado vaga, o animal sai de lá, da serra, e ele desce pra porta. O cerrado dá a mesma coisa, porque o gado pasta lá na serra, e vem por baixo, facilita porque o bicho vive mais é no agreste. Agora quando vem a chuva fica verde, você pega leva e põe na serra, quando dá no verão, o gado acostuma fica no verão inda embaixo, o gado, o animal acostuma com isso. É, lá na época da seca o gado procura mais o pé da serra que é mais verde, e a terra é mais forte, porque lá até o capim é mais forte, o gado que pasta no pé da serra e no baixo, que passa nos dois pastos, ele fica com o convívio mais forte. Agora quando ele fica só no baixo ele não convive forte, agora no vazante é forte também, que é a cultura que nós fazemos,

o gado que convive na cultura e no cerrado ele é forte também. Quando for no tempo das águas, ele tá vivendo na cultura e no cerrado, quando for no verão, aí pega e leva pro pé da serra, que lá é mais verde, que é onde tem o brejo, tem um encosto, uma baixada. O bicho convive mais na serra, aí quando o gado não costuma lá na serra, aí ele costuma aqui na vazante e no cerrado, no cerrado mais fraco. Ele fica mais próximo do Paranã mais pro lado do verão, de abril até outubro ele fica aí, agora quando chove ele já abre mais pro cerrado. Quem mora perto da serra, ele vai pro pé da serra, agora quem mora cá mais pro meio, quem tem cerca na frente, onde o gado não pode pastar porque o fazendeiro fechou, aí o gado fica cá no cerrado, ele vai na vazante, mas fica mais no cerrado. Estamos fazendo as queimadas aqui sempre depois da época da chuva, quando vê que a chuva vem muito cedo aí faz mais cedo. Se ver que demora, aí tem que deixar dar umas chuvadas, primeiro pra poder colocar fogo, porque senão o fogo brota no mundo. E a queimada veia não brota fácil, ela só brota se queimou, aí logo a chuva veio, aí ela brota, aí ela arriba. A baixa, o cerradão, depois da primeira chuva, depende da temperatura. Mais ou menos em outubro, de outubro pra novembro vai queimar a parte mais baixa, depois queima a mais alta, até novembro. É, não pode por antes não, porque aí é prejuízo, porque o fogo brea no mundo aí não apaga, só apaga na hora que chover.

Emílio dos Santos Rosa



Cagaita

Estamos vivendo do jeito que Deus quer sabe, porque não tem a chuva. Água lá pra de baixo da fonte nossa tem uns poção, a gente pega pra molhar as plantas, banhar, lavar vasilhas, e dá água pros bichos, porcos, galinhas. Já pra gente usar pra beber, a gente pega num lagoado que tem lá dentro da fazenda, e não é nem nossa, é nossa porque tá no território do Kalunga, nunca foi indenizado, mas a gente espera que seja, mas a gente pega água lá. Pega no carro lá, leva três bujão de cinqüenta litros, cinco de vinte litros, mais uns outros pequenos, a gente pega, não dá pra passar uma semana toda, mas dá. Só pra gente beber, se chegar gente particular, acha a água muito boa, porque a água da lagoa é boa, é melhor do que a do bezerra, é melhor que a do Paranã e esses outros córregos, até da cana braba aqui. A nossa cisterna assentou agora esses dias, aí nos tampamos a boca dela pra primeira chuva que vim lavar em cima, pra água não desce, nos colocamos até uma peneira no cano junto lá, pra quando a água descer, ela descer coada sabe. Mas nós nunca usamos, ela nunca foi cheia, só vai encher agora nas águas, porque a gente não tem bomba, nunca compramos uma bomba. Tem água pra você molhar as plantas, não deixa os quintais secos, se ela tivesse cheia minhas plantas não estavam morrendo não, porque meu quintal seria molhado direto.

Maria dos Santos Rosa



Horta nas margens do rio Paranã

Olha é muito difícil, a gente tá vivendo mais é difícil assim a falta da água sabe, porque o povo acostumou ter muita água no rio, e agora pra ver os rios seco fica muito difícil. Alguns usam água da cisterna outros não, não usa, a gente pega no rio pra beber, agora pras plantas a gente pega nela, agora pra beber a gente pega no rio. É molhar, plantar, lavar vasilha, tomar banho, agora pra beber mesmo a gente pega no rio. Tem o funcionamento da água lá em cima, mas ele funciona a motor sabe, e enche a caixa e joga na rede, quando tem óleo funciona que é uma beleza, quando não tem a gente pega no rio. Vem do rio Cana Brava, mas é puxado no motor, aí joga na caixa, aí desce pra rede, mais é só aqui mesmo que funciona.

Maria Rodrigues

As melhores áreas estão exatamente na beira do Paranã, e na beira do córrego extrema tem alguns capão bom que dá pra por roça, de acordo com a chuva, os capão depende mais da chuva, mas chovendo bom dá uma roça boa. Esses capão é tudo de pedra, mas tudo que planta dá. Essas roças duram mais ou menos dois anos, planta colhe, tempo bom a gente planta a mandioca, agora vamos colher a mandioca, vai demorar uns dois anos pra colher essa mandioca, isso se os catitú não ajudar. Ai agora roça de novo e planta milho, mandioca, ai agora também, a seca já está acabando. No Paranã se o companheiro for reforçado na enxada ela dura mais, só que aí vem mais mundiça, na hora que passa de um ano pro outro a mundiça aumenta, mas se o companheiro não tiver medo de capinar ela dura mais, vai plantar ai até uns três anos, quatro anos, depende se agüentar a mundiça que vem. Eu preservo essa mata do rio e vou usando esses capão, esse ano mesmo eu botei a rocinha num capão, deixei a mata de fora, por as vezes a gente não vai usando mas vai deixando aquele bolo da mata perto pra trabalhar, e a mata estando alta parece que a água esfria mais, mesmo a água sendo grande, mas eu acho a mata muito bonita.

Leônida Silva de Jesus



Pequi

É já tem outra coisa também por que o pessoal vão chegando para a beira do rio Paranã, e vão fazendo casa, e cada um vai fazer uma roça, e emendando na outra, aí o pessoal vão encarreando, vão morando, e vão cercando, daí a pouco o gado não entra no Paranã. E aí todo mundo vão chegando e derrubando, um faz uma roça, e o outro faz outra, e quando pensar que não, já foi derrubando as partes melhor, aí quando pensar que não, vai estar ficando só o cerrado.

José Valeriano de Melo

Rio Paranã



O gado na pratica até agora a gente faz mais individual, no caso só no pasto lá solto aí fica coletivo, eu solto meu gado, ele aqui solta. Lá muitas vezes ele pega uma vaca minha lá, eu pego uma vaca dele, dou notícia que o bezerro está com bicheira, ele também da notícia, e assim por diante. Mas por enquanto, muitas vezes ele leva para o curral dele, e eu levo para o meu curral. Assim faz aquele manuseio, aquela troca, mas por enquanto é mais individual, eu tenho meu pasto, ele tem o dele, ele leva vaca para o pasto dele e eu levo para o meu pasto e assim por diante. Agora a intenção da gente é mudar essa forma assim, agora na vacina cada um vacina, mas trabalhando todo mundo junto, na vacina a gente tem a intenção de mudar também aliás, que até agora já acontece a gente vai ajuda um, o vizinho vai lá e ajuda a vacinar, ele vem e me ajuda a vacinar, então a gente faz essa troca de trabalho, é um ajudando o outro.

Pedro Torres de Melo

Eu vim olhando toda essa conversa nossa aqui, no meu ponto de vista o que segura nossa produção aqui é a lavoura, por que se eu tiver meio alqueiro, ele plantando o arroz, feijão, milho, tudo que aqui dá, eu vou criar porco mais tranquilo, vou produzir mais porco, criar a galinha mais tranquilo. Nos perde mais a vaca por causa da ração, esse ano por exemplo foi um ano seco, gado caindo, e nós estamos salvando algumas vacas comprando a ração lá na cidade. E nós podia estar dando a ração, tirando daqui das nossas roças, palha de arroz, a cana, a casca da mandioca, até a própria mandioca. Porque o gado quando aprende pode dar mandioca, olha para mim nessa realidade, sustentando a própria família com tudo é roça.

Pedro Torres de Melo



Rio Extrema seco



Rio Paranã

Muitas vezes a gente aqui até poucos anos, a gente parou até de por fogo, mas só que aparece uns fogos assim de uma hora para outra, aí que dá é sufoco muito grande pra gente apagar, para a gente manter essas partes sem queimar, e tem horas que queimam sem a gente querer, fogo fora de época que surge.

Pedro Torres de Melo

Comunidades Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino

SABERES E FAZERES

É a roça de toco. Feijão, arroz, mandioca, fava, abóbora. Quando começa a chuva, novembro dezembro. Depende de Deus tem ano que dá mais e tem ano que dá pouco. Capino duas vezes. Planto só pra consumo. Farinha faço, pra comer e vendo também. Planto milho em outubro, mandioca e arroz em novembro e feijão em janeiro. Vendo 30 reais a quarta. Faço farinha. Faço um saco por dia, se trabalhar 10 dias é 10 sacos. Mas eu faço mais pra consumo. Para o gado do plantio só a cana mesmo. Entre tudo umas 60 reais. Tem pasto não. Come é aí mesmo no cerrado. Dou sal e vacina. Dou remédio caseira quando precisa. Tiro leite, uns 5 litros, 10 litros. Eu tenho 21 vacas então dá 21 bezerros. Mato com umas 10 arrobas.

Elias Francisco da Conceição.

Quintal Produtivo



Engenho de Gana

Eu planto roça de toco. Abre sempre em junho, agosto. Na área tinha jatobá, tinha mutamba, tinha mirindiba, tinha pau d'óleo. Abri no machado. Agora, eu planto todo tipo de trem, eu planto maxixe, abóbora, melão, batata, cana, mandioca, feijão andu, fumo, tudo eu planto. Planto nas águas, não tem outro tempo certinho não, planto de tudo, cada qual, as veis uma em uma semana, em outra semana outro, outra semana, e outro. Tem deles que assim, uns eu planto dez litro, outro eu planto 20, outro eu planto 5, outros eu planto mais ou menos, a base de 500 lera de cana, eu planto a base de dez litro de milho.

Capino direto, é a profissão, 5 vez, ou 6, e até 10 vez, dependendo o jeito do mato. A gente colhe até quantia, mas tem vez que perde, e a gente colhe pouco. Isso aí, só o ano que tem muita renda, as veis colhe 20 saco, 30 saco, 40 saco, o milho colhe aí uma base de 30, 40 saco também. Eu uso todas coisas, todos eles eu uso um pouco, de cada um deles eu vendo, faz troca, vendo no dinheiro. Eu vendo aqui mesmo, eu vendo todo tipo de preço de 2 reais, 3 a 20 reais, até a 30, dependendo até a mil e tanto, dependendo dos trem.

Raiz de mandioca colho a base aí até uma tonelada, dependendo o jeito. Que eu uso direto pro consumo é a média de umas 20 quarta de farinha, sobra é uma 5 quarta só. Eu uso a palha da cana, eu uso a casca da mandioca, eu uso a maniva da mandioca, tudo eu uso, a palha do arroz, pros gado, a palha do milho pro gado. Esterco na horta. Pego no mato só mesmo mangaba, buriti e caju, esses trem mas é muito pouco. O buriti é outubro pra novembro, a mangaba é outubro pra novembro, o caju setembro pra outubro, uso em natura, faz algum suco mais é muito difícil.

A horta é pequena, é uma base assim de uma quadra de 12. Planto vários tipos de trem, eu planto cebola, eu planto alface, eu planto quiabo, eu planto maxixe, eu planto cenoura, beterraba, couve, até repolho planto, quais direto esses trem, pranto quais direto, ano todo. É pro meu consumo, eu não tenho a base calculada do quanto eu uso não, mas uso um bocado. Vendo uma média aí de 2 mil e pouco, quando eu vendo direto, quando tem quantia, quando não dá é menos. Uso esterco da galinha e uso esterco do gado, na horta e no pé das planta.

Prudêncio Francisco de Torres

Roça de Gana





Roça de Banana

Roça de toco, essa tem mais de 20 anos. Era uma capoeira. Planto é arroz, e uns pepinho de milho e mandioca. Eu só capino duas veis, pra prantar e pra limpar a planta. Gado umas 15, touro, vaca, bezerro. Gado nelore. Come no pasto e no agreste. Queima é lá pra outubro. Uso sal, vacina, remédio. Tiro leite para consumo, uns 4 a 5 litro. Colho mangaba e pequi.

Nercino Francisco Carvalho de Torre

A gente usa fazer mais as roças nas nascentes dos córregos, mais pro lado das serras, só que quem mora aqui hoje trabalha mais na beira dessas grotinhas, usando essas beirinhas de grot. Porque não tem direito de ir a mais do mato, bom de trabalhar de roça, então você fica só trabalhando nos peladozim, três, quatro anos num lugar só. Sempre você trabalha mais do que o que você colhe, porque ninguém aqui não tem recurso pra fazer uma terra mecanizada, pra plantar. Você planta na roça de toco, e as pessoas que tem roça de toco, eles são proibido de queimar, até essa roça, que quando ele põe a roça, o fazendeiro vai lá e busca o IBAMA, e põe nele pra que priva ele de trabalhar. Estão invadida, as terras mais próximas tão todas invadida, e então nós não tamos tendo direito, nós tamos precisando de que nós possa ter direito de desmembrar essa terra, ter uma autorização pra entrar nessas áreas pra nós colocar nossas roças. Criatório de peixe, essa pessoa aí tem três, cinco represas, e o outro tem três, então nós tem cinco, seis, sete, oito represa dentro da comunidade, e uma represa é desviado um córrego federal.

Renil Alves dos Santos

É roça de pasto. Queimo, no final de setembro pra outubro, depende da chuva. Dou sal, vacina. Tiro leite. A mulher faz sabão com o sebo. Tiro coco as vezes pra tirar a gordura, na seca. Planto mais pro consumo, as vezes vende um pouco. Uso o esterco de gado. Planto a roça de toco. Planto arroz, milho, mandioca, feijão de corda. Para o gado planto cana.

Enedino Pereira da Silva

Gado tenho uma média de 23, tudo, raça comum. Uso vereda e roça de pasto. Queimo depois que chove. Uso vacina. Uso chapadinha, quina e a mamuda para o gado. Mato 2, 3 cabeça, depende da necessidade, com 12 a 13 arroba. Vendo aqui mesmo. Planto roça de toco, milho, arroz, feijão, cana e banana, só pro consumo.

Gustavo Martins Rodrigues

Seu Gregorio, Seu Diolino e Seu José Maroto



Bezerros



A gente cria o gado aqui, mas o gado solto, as pessoas usam essa larga de cerrado pra deixar o gado solto, ninguém aqui na nossa comunidade tem direito de ter cinco alqueires de terra fechado pra fazer uma solta, não tem porque os fazendeiros não dá espaço. Sempre a gente tem no máximo cinco alqueires dizendo que é terra da gente, e aí a gente usa esse gado solto aí, quem tem uma rocinha de pasto um alqueire, meio alqueire fechado. Eles usa trazer o gado em janeiro, a chuva chove agora em outubro, cê tira o gado aí em janeiro, põe o gado pra podar esse capim aí, esse capim. No final de janeiro tira o gado do pasto, aí esse capim vai subir aí, vai ensemear, e só vem aqui pra dentro em julho, na época da flor do pequi, que entoxica muito as criação. A gente usa assim.

Renil Alves dos Santos

Rio Glaro



Dá muito cajuzinho do cerrado, aí nessa beira aí, tem lugar que dá o bruto, tem bruto nessas grutas, tem nessa beira de vereda, tem gariroba, tá tudo na beira da serra. Murici ele usa mais na terra de vereda, terra baixa. Nessas matas virgens que tem aí em cima, a gente entra e encontra o jenipapo, maracujá da mata, que é uma coisa muito boa, tá tudo dentro dessa mata, na beira do córrego dá a mirindiba. A planta nativa a gente colhe aí a mangaba, colhe o caju, colhe a cagaita. A fruta que mais tem no cerrado é pequi, é a fruta que mais tem aí nesse cerrado, aí tem o bacupari.

Planta medicinal aí tem muita coisa, muito tipo, aí tem o velão branco, porque esse próprio aqui é pro velão branco. Aí dá o milona, aí dá a quina, que é um remédio muito percurado, a quina tá aí dentro desses carrascos aí. Aí tem a chapadinha que serve pra criação e serve pro ser humano, pra pessoa que tá gripado pode fazer um chá da chapadinha, ela serve de remédio. Tem muita caraíba, a planta que a gente trata caraíba é muito remédio, também o entrecasca é muito bom pra tosse, tá tudo aí fácil. Já disse, tem a quina, tem o calunga que é a raiz, batatão, quase não dá nessa área aí não, batatão é mais na margem do córrego.

Essas áreas tão completa, porque essas áreas aqui são umas áreas rica, que essas áreas aí tem o buriti, tem a butirana, aí tem a bacaba, tá nessas áreas aí, tem açai nós tem área que tem açai. Pois é, aí você tem o puçá, o puçá de duas qualidades, tem o puçá amarelo e tem o puçá preto. É muito bom aí dentro desse mato, tem o jatobá, que é o jatobá do campo, tem o jatobá da mata, o bolo dele é muito bom, a polpa dele dá pra fazer bolo. E aí você vai colhendo aí de dentro desses cerrados, a pitomba dá uma pitombeira aí dentro, também muita pitomba dentro dessas matas, é as coisas que nasce. Tem o coquinho pindoba, aí dentro tem o coco macaúba, o palmeira usa mais cá pro lado da beira do Claro, pra essa serra aqui eu nunca localizei o palmeira, mas tem o indaiá.

Renil Alves dos Santos

Os invasor, igual um tal de Dirceu, não deixa encostar aqui, já vendeu vários pedaços pras pessoas lá. E eles não deixa encostar na água, pegaram e fecharam esse taião de chão todinho, aí quem comprou dele fez uma cerca diretamente na beira do rio, não deixa passar pra dentro pra mode os outros pegar água. A maioria já mudou. Eles passam em cima da ponte aqui, e roda pro lado de cá, pro lado do Goiás, fizeram uma entradinha cá, carregam água e enche os tambor na caminhonete. Ou então outras pessoas vai lá na fonte do João Melodia, vão buscando a água na cabeça, e colocando nos tambor de animal. É metade deles que carrega nos animal, é de a pé cinco quilômetros, pra puxar água. É caixa d'água daquele governo, é cisterna tá aí, servindo pra quê, pro sol pubá, que eles não vieram arrumar, só pegou e jogou lá, tá jogado lá sem futuro nenhum.

Prudêncio Cesário da Conceição



Associação Claro, Prata e Ouro Fino, elaborando o plano de gestão territorial



Programa de gestão da água, produção e monitoramento dos sistemas de produção agropecuária e manejo de bens naturais

1. Infra - estrutura e serviços para apoio ao manejo da água e produção

Pra gente habitar esse território, como é longe, acho melhor a gente conseguir umas represas, conseguir poço artesiano, conseguir uma represa pra aqui. Não precisa migrar todo mundo para a beira rio, por que na verdade se migrar todo mundo para a beira do rio, não vai caber todo mundo. E até o território fica fechado e desabitado, porque vamos supor, eu estou aqui na beira do Paranã, vamos tudo pra cá para a beira do Paranã, e aí vai ficar léguas sem habitação. E aí muitas vezes muito apertado aqui, e por causa de água, então eu acho que a solução é a gente esperar que a gente consegue uma represa, umas barragens grandes ou se não poço artesiano, para não precisar migrar todo mundo para a beira do rio, facilita tanto para criar como para trabalhar de roça.

Pedro Torres de Melo

A questão da falta de água, eu acho que para melhorar a gente tem que conseguir mais a beira do rio pra esses povos, a beira do rio grande, por que o ponto que eles moram às vezes, a gente pensa assim, vamos fazer uma represa, mas eu acredito que a represa não segura esta água. Você vai fazer uma cisterna e essa cisterna seca, muitas das vezes quebra o galho desse povo se furar um poço. Esse povo que mais sofre, eles estão em um lugar que se furar um poço artesiano, e tiver um caixa você consegue colocar água para muita gente, por eles estão tudo perto um do outro. Colocando um caixa boa, dá para irrigar, por na mangueira e enviar água para eles, é uns dos pontos mais estratégico que tem pra ajudar esse povo.

Renil Alves dos Santos

É importante cada família ter a sua cisterna, porque aí é bom, com a falta de água, tendo ela, a gente fica mais garantido tenho certeza. Mas se eles abrissem um poço artesiano, assim pra fornecer água, assim melhor pro povo, aí assim ficava bom também.

Maria Rodrigues

Bom eu acho o seguinte está faltando a chuva na verdade, mais eu acho o seguinte, é enfrentar o desafio, por que quando não tira o milho tira o arroz, quando não tira o arroz tira a mandioca. E então eu plantei arroz, milho e mandioca na roça aí terminou lá, eu perdi o arroz, mas o milho não deu no tempo certo do arroz e eu ganhei o milho, mas eu perdi o arroz, mas olha bem a palha do arroz, depende do tamanho eu vou levar ela para as vacas, para salvar minhas vacas no verão. A mandioca as vezes ela não dá a raiz, dá mas não dá maneira que deve dar, mais na verdade ela vai me ajudar em alguma coisa, então na verdade, eu tenho que estar tentando por que de qualquer maneira a falta de água se eu para aí eu vou parar aonde? Por que aí a chuva não vem, depois que ela vim eu vou fazer o que? Então eu tenho que estar na tentativa, buscando usando outra forma, por que até se eu perder esse ano, eu planto no ano que vem, essa mesma roça, às vezes de repente o ano que vem eu já ganho ela toda, e já recupero o que eu perdi, não deve é parar, porque se eu parar seria uma perca maior eu acho. A gente deve estar tentando, e se com o passar do tempo que a gente não conseguir na parte longe da água, e se tive como fazer uma irrigação, a gente pode procurar as partes que pode irrigar.

Pedro Torres de Melo

A cisterna funciona num rito muito bom, igual eles faz a cisterna funciona pra poucos, mais se eles entregar pro próprio dono, entregar o material e o próprio dono colocar a cisterna do jeito que quer. Você tem como colocar água nessa cisterna, e dessa cisterna você fazer irrigação dela, e você trabalhar na sua lavoura, porque aqui tem pessoas que nós fizemos a pranta, fizemos a base, colocou ela e tá funcionando. E hoje ele tem milho, tem mandioca prantada no verão, enchendo ela com a bomba, enche a caixa e tá irrigado, jogando água lá dia e noite. Importante, super importante muita gente tem a cisterna, só que elas tá jogada lá, não tá implantada, e as que eles implantou aí não tá funcionando. Porque elas encheu d'água, mais quando o cara foi usar, manivelar a bomba pra tirar a água, metade já torou, elas não presta, elas estragou a metade, tá lá sem futuro que estraga tudo, então eu acho bom que a pessoa colocando na medida deles funciona melhor. Com certeza aquela é cem por cento melhor de que essas cisternas que eles trouxeram, cisterna de placa nas comunidades, cem por cento melhor.

Prudêncio Cesário da Conceição

Horta Caseira



Eu acho que tinha que ter mais escolas, e também tinha que ser escola do campo, mesmo por que na verdade o pessoal veio mais pra cá por causa da escola, por que lá não tem. A maioria vem aluno de lá, tem gente que ainda reside lá, mais fica difícil, sabe que hoje é difícil, a prefeitura não acolhe muito, não sei o por que mais não acolhe, vem e os outros mudou por causa mesmo da escola, eu acho que tem que ter mais escola. Eu acho que tinha que permanecer o que tinha antes. Por que antes tinha escola lá na prata um, tinha na prata dois, tinha em buriti grande.

Santana Maria Tiago de Torres



Cisterna/Gaixa d'Água

Não tem energia, só placa solar. Só lá em Ouro Fino, mas acho que nem tá funcionando mais, nem o colégio tá funcionando. Precisa energia em todas as comunidades, tá todo mundo pedindo socorro, é assim, até mesmo pra manter a escola entendeu, sem energia não tem como manter a escola. Com a energia nós temos tudo na nossa comunidade, no nosso ranchinho nós temos como conservar as nossas polpas, que as frutas do cerrado fica aqui sem colher, o fruto do cerrado, porque não tem espaço de congelar ele, pra gente manter ele, então fica tudo jogado fora, não adianta ninguém tentar colher. Pra poder manter os alunos na escola, porque sem energia como que mantem os alunos na escola, como é que vai conservar esses frutos ou essas polpas, não tem como conservar porque ele não dura por muito tempo. Em alguns lugar falta estrada, e outros lugar tem estrada, já falta só ser beneficiada a estrada.

Santana Maria Tiago de Torres

2. Ampliação das roças de toco e mecanizadas

Entre a serra e o rio, esse cerrado aí, tudo que plantar dá, que o cerrado nosso aqui são bons, não é um cerrado só de pedra, só que se enfiar o trator e mecanizar a terra ela dá a mesma coisa da vazante. Mas tem que ser com adubo, e na beira do rio, onde tá as culturas ela dá sem adubo. Por isso que o povo é interessado, não é por conta de outra coisa, não é só a madeira, porque a madeira que tem dá pro cara fazer a localidade dele e morar, não dá pra vender, dá pra fazer a localidade dele em benefício de porta dele. Nessas áreas mais altas o povo tão pensando assim de não mexer, porque a chuva tá difícil a não ser que tivesse um pivô. E na beira do rio se for o caso de fazer uma roça grande, comunitária, e a lavoura maior, aí vai juntar todo mundo e fazer, colocar um regrado do Paranã e jogar na área. Se porque não tiver chuva, que o Paranã existe muita água, tem condições de manter, o bicho bebe e tem condições de manter as áreas com plantio o tempo da seca, porque nas águas tá faziando a chuva, e no tempo da seca a gente tem de plantar.

As áreas baixas, elas são suficientes, mesmo com pouco chuva ela é mais suficiente, porque é uma área baixa, ela não tem pedra e ela não é uma área alta, todo mundo planta, e com pouca chuva ganha, desse jeito é melhor pra você plantar mandioca. Nós temos o plantio de mandioca, o costume nosso é plantar mandioca, é mandioca, arroz e milho, é essas coisas que mais a gente planta, aí a renda aumenta mais pra gente. Cada um planta o seu, dois hectares, ou um hectare, mas cada um planta o seu, agora tem terra mecanizada, eu acho que o povo vai plantar mais quantidade, que facilita o trabalho pra gente, que roça de toco ela é complicada. Mas nós convivemos foi com roça de toco, nós estamos numa área, numa situação assim, se vier um trator, se nós conseguir um trator de esteira pra desmatar pra nós melhor, se não conseguir é fazer roça de toco.

Inclusive tô com um trator aí pra arar, mas nunca teve terra arada aqui na comunidade, porque não tem terra desmatada, não tem como arar e gradiar uma terra que nunca foi desmatada. E nós quer que seja desmatada, estamos dando toda força pra ela ser desmatada, e um pedaço pra cada um, na porta de todo mundo fazer suas roças, e aí garantir o trabalho, e a gente ter o serviço permanente, todo ano plantar. Tem pessoas que passa quatro, cinco anos sem plantar porque não compensa ter roça de toco, compensa fazer uma terra mecanizada, plantar uma roça maior aí ela dá menos trabalho e dá mais renda pra nós.

Emílio dos Santos Rosa

Engenho Moderno



O gerais é boa se for mecanizada a área, e se existir um poço artesiano na área também é bom, aí o povo vai fazer casa lá, porque sem água o povo não vive, e o povo tá querendo mais o lado da água, que não seca a vertente é melhor, só o Cana Brava e o Paranã. O Bezerra também tem água, mas o Bezerra tá secando, tem ano que tem água boa, mas tem dois anos que não chove e tá secando o Bezerra, mas tem água também.

Emílio dos Santos Rosa

O gado é o seguinte, manter o gado mesmo na área do cerrado. Mas de cultura tem que ter a área mecanizada pro povo plantar, e aí planta mais, e agora tem o trator mas não tem a esteira pra derrubar o desmatamento, pra poder fazer aração, aí ele fica aí, todo mundo fazendo de toco. Todo mundo faz de tiquim, e quando é final de ano ninguém tem nada, e aí agora pepina tudo. Só pra mim se tiver aí desmatado e arado pelo menos um meio alqueire eu dou conta pra mim plantar. É precisava de meio alqueire, aí dá pra mim plantar o que eu tô querendo, quer dizer só pra mim, agora os outros eu não sei. Eu queria aqui na beira da Cana Brava, aqui que é onde tem a água, e fica perto de mim, que meu sintoma é esse. Que ir pra beira do Paranã o pessoal daqui, lá não vai caber tudo, que já tá muito lugar tomado aí, e mesmo onde tá desocupado fica arrochado, a área fica arrochado. O povo já tá saindo daqui e ir tudo pra lá, não tem jeito, é o caso que eu tô falando aqui da Mimosa, aqui pra ele ser indenizado logo, pra esse pessoal aqui vai tudo jogado pra beira do Cana Brava, aqui pro outro lado.

Eremito dos Santos Rosa

Eu no meu caso eu quero um alqueire, que é onde eu planto o meu arroz, planto o milho, planto mandioca, aí eu tenho uma roça atualizada pra todo ano, aí eu planto o milho, planto o arroz e planto a mandioca e planto a banana e a cana, que um alqueire de terra ela sendo mecanizada qualquer um de nós aqui da conta de plantar.

Emílio dos Santos Rosa

Pra mim plantar, é meu amigo eu já tô meio velho, mas ao menos aí um meio alqueire, meio alqueire dá pra mim fazer o que eu quero. Plantar uma mandioquinha, uma abóbora, um feijão, a banana que é boa também, arroz, milho, essas coisas né, inhame. Aqui do lado da fazenda Mimosa, é bem aqui mesmo onde eu moro, aqui só que do outro lado, eu pego água bem na divisa do rio Cana Brava, é no rio Cana Brava. É isso aí que nós tamos precisando, tem muitos que quer fazer, plantar mais não tem como, não tem aonde, e aí é só mato, aí de cá até na beira da Bezerra é só mato, todinho aí o povo tá aí ca cara pra riba sem poder trabalhar.

Domingo Marcos

A demanda nossa só é o trator, que a demanda da gente é o trator que não tem, mais ou menos um alqueire dá pra gente plantar o que a gente queria, no rio Tamburi.

Valnice dos Santos Rosa

Na minha opinião e o seguinte, essas áreas que tem mata a gente vai usar exatamente para colocar as roças e as outras partes de agreste, como diz cerrado, vamos usar para criar o gado, por que o gado sempre é misturado aqui, solto no cerrado, então essas matas aqui a gente utiliza só para colocar as roças e as partes de cerrado para

criar gado no caso nosso. Tem muita gente mudando já para a beira do rio Paranã em decorrência da falta de água. Se a gente conseguir abrir um poço que possa abastecer o pessoal aqui, podemos continuar nessas áreas, por que do rio lá para a gente usar essas outras áreas a não ser o gado pra gente trabalhar é longe.

Pedro Torres de Melo

Na beira da serra onde tem as terras roxas, as baixadas, onde esses baixadão, é a onde você vai plantar o canavial, você vai plantar seu bananal, plantar batata, plantar o inhame. Essa terra é apropriada para isso, nesse baixão aqui a terra é fofa, tem espaço, é a terra massapé que esta aí nessa beira de serra, onde é a região que tem mais áreas úmidas. Esse problema de chuva, essa fazenda que corta ai beirando fazenda Floresta, fazenda Santa Maria, vai descendo ai pro eixo do claro, fazenda Santana, é a terra que tem mais água. Tem baixadão com água, as terras mais úmidas, você pode fazer uma irrigação, se colocar uma mangueira na frente de um brejo aí, você leva água para todo lugar.

Renil Alves dos Santos

3. Manejo do gerais, ampliação das roças de pasto e da criação de bovinos

Na serra, nesse pedaço nós pensa o seguinte, botar o gado pra serra e deixar como que dizer, área de reserva, então nós estamos até demarcando que deixamos uma parte do matão pra área do rio Bezerra em cima, deixar como área de reserva nessa localidade do Mimoso. No Cana Brava pra criação é muito bom, e depois tem muita água, e depois tem o peixe, de tudo, a cultura é maior, o povo quer a beira do rio, que a cultura é maior, a terra é boa, então é bom pra isso essa parte de terra. Tem como o gado passar muito mais melhor que o gerais.

Emílio dos Santos Rosa

Animais utilizados para o manejo do gado



Oviável seria que deixassem os corredores, no meu ponto de vista seria deixar o corredor e ter como fazer outras águas. Porque é como eu disse, que se o pessoal passar tudo para a beira do rio, isso aqui vai ficar abandonado, e até o pessoal daqui para utilizar lá o cerrado, para criar o gado fica distante. O gado vai pra longe é complicado, na verdade eu acharia que a partir do momento que tem água, só em caso crítico que não tenha mesmo, mas se tiver como a gente fazer água lá tem mais espaço tanto para criar solta como para fazer pasto.

Pedro Torres de Melo



Gasa e Curral Tradicionais

Eu acho o seguinte, assim o meu ponto de vista é o seguinte, que hoje mesmo que a gente queira voltar a esse tempo, o gado não adapta mais ser criado no gerais. Até por que hoje tem que ter pelo menos um pasto, até para facilitar o manuseio do gado, você tem uma vaca lá, solta aí, daqui oito, dez quilômetro espalhando pelo mundo, você tem uma rocinha e deixa alí até ela reproduzir. Se está com bicheira você tem o lugar de segurar, se você tem um cavalo, você bota ali por enquanto, e outra coisa, você solta e ela vai pra lá de novo, não tem problema, mas que alí você tem um pastinho para os primeiros socorro. Que imagina hoje você fechar uma vaca para parir em casa no curral, ela está para parir, só que eu solto ela, e ela cai no mato, aí é quando eu achar ela já perdeu e o bezerro já morreu. Então é uma facilidade que a gente usa, na verdade eu acredito que todos vão ter que ter uma área de cercar, pelo menos lá para ter um alqueiro, ou três alqueiro de pasto por aí, pra ter para manter o gado não fechado, mas nas horas que ele precisa de ter um lugar fechado. E esse gado de hoje ele não adapta muito com o cerrado. Até por que o gado solto aí, ele custa desenvolver, o bezerro, a vaca dá menos leite e tem que ter o pasto.

Pedro Torres de Melo



Curral Tradicional

É também hoje com essa mudança de tempo ninguém cria mais sem um pasto, seja que tamanho seja, mas ninguém cria, ele não toma nem o leite mais, porque a tendência do gado é ficar brabo. E além disso você tem que usar um cavalo, por aqui precisa usar animal, se não tiver um fechinho, uma rocinha ninguém munta mais, por que não tem como ter o cavalo. Praticamente seria a mesma coisa, de meio alqueiro a dois alqueiro, depende da posição de cada um. Hoje o caso de roça aqui não prejudica o território muita coisa não, por que cada um tendo qualquer tanto já dá para sobreviver, por que o pessoal estão tudo pouco nas casas e se derrubar muita coisa não dá conta nem de trata dela.

José Valeriano de Melo

4. Criação de pequenos animais – porcos e galinhas

Galinha a gente cria da forma tradicional, ainda por que assim a gente cria galinha solta, também é outra coisa que eu digo, e eu até já conversei com vários companheiros aqui no sentido de criar galinha. Aliás de todas as criações que a gente imagina, porque assim a galinha a gente cria solta, e bicho come muito e muitas vezes não desenvolve o criatório de galinha. Eu sempre imagino o seguinte, para a gente mudar o quadro de criação de galinha, para poder ter assim uma produção melhor, tanto para nós, quanto para qualquer pessoa que chega, procurando um frango. Então eu imagino o seguinte também, vai exatamente para a produção, por que se eu tenho uma roça boa, que eu tenho um monte de milho, um monte de arroz, aí pronto tem como eu criar bastante galinha. Por que não precisa comprar milho lá na cidade, como a gente aqui faz muito isso, o caboco vai comprar milho para dar as galinhas e depois até desestimula. Agora se tem uma produção boa, agora vou criar galinha a torto e errado, por que tem a produção aí para dar a ela.

Pedro Torres



Seu Eremito descarnando um porco



Griação de Galinha

Eu acharia o seguinte, a gente poderia através da produção, ter o milho, ter a mandioca não mais solto, solta só que de uma outra maneira. Não como era antes, se eu tenho bastante ração eu posso criar o porco até fechado, eu posso criar uma certa quantidade de porco fechado por lá, eu estou tirando da roça o milho a mandioca, baseado na produção da lavoura tem como eu criar o porco. Hoje o que dificultou também foi a água, está muito escassa a água, que dizer não tem como a gente criar mais solto, como era, eles caía no mato ai, saía de casa caíndo, por que estava magro, e quando chegava já estava gordo, tudo gordo, comendo coco, comendo fruta comendo tudo. O caboclo chegava, e esse porco chegava gordão aí, e um bocado dele matava, eu mesmo matava muito porco gordo. Beirava a roça do vizinho, mas a maioria deles não ia, por que as roças eram toda cercada, de pé baixo de madeira, cerca caiçara. O caboco fazia as roças de uma tarefa, duas tarefas, e ele sofria para cerca ela, ele tinha que cercar ela todinha de pé baixo, o porco rodeava ela todinha mais não entrava, mas também tinha muita coisa para o porco comer. Agora hoje tem ainda mais, o pessoal deixaram de criar, e na pratica eu acho assim, que baseando o território que nós temos hoje, é uma perda não criar porco, que não cria muito mais pelo menos um pouco.

Pedro Torres de Melo

E como eu disse, eu plantava uma roça de uma tarefa cercada de pé baixo por causa dos porcos e criava os porcos, eu com uma roça de uma tarefa criava dez, vinte porcos, criava solto, mas a roça era cercada de pé baixo, muitas vezes os porcos até passava fome mais criava na selva. Hoje se eu tiver a oportunidade de fazer uma roça de meio alqueiro, de um alqueiro, e ter uma produção boa, eu posso criar vinte porco fechado, e ter um lucro maior, porque daqui eu tiro e aplico nos porcos, se tiver como soltar eles também nas horas folgas, nas horas que eu colher as roças todinha, pode deixar eles dar um volta e depois retorna, então pode acontecer, depende do manuseio.

Pedro Torres de Melo

5. Manejo das queimadas utilizando aceiros

É quando queima de depois de duas ou três chuvas, só que esse fogo organizado ele não atinge, que, por exemplo, eu vou queimar botar fogo no cerrado aí queima só um pedaço. Ele não vai para longe, mas o problema mesmo é esse fogo que aparece, essa serra nossa está toda queimada, por que veio fogo do outro lado. E aí aparece de uma hora para outra, aí só na época difícil, no período de agosto, se deixar sem queimar também acaba. Tem que queimar na época certa. Depois que começa a chuva, vamos supor, se agora em outubro choveu, aí a gente está sem queimar, aí a gente queima, aquelas áreas, vai queimando, até por que ele só queima o cerrado, ele não entra na mata o fogo de outubro para novembro. É a base de queimar, aí vem a brota e no outro ano a gente não queima, por que aquilo lá está um capim razoável, não está muito alto, aí no segundo ano a gente já queima. A base certa é queimar de dois em dois anos, para o agreste aguentar, ficar seguro, queima esse ano vem a brota, e quando a chuva vai embora o capim esta razoável, e no outro ano, depois de um ano direto tem o capim.

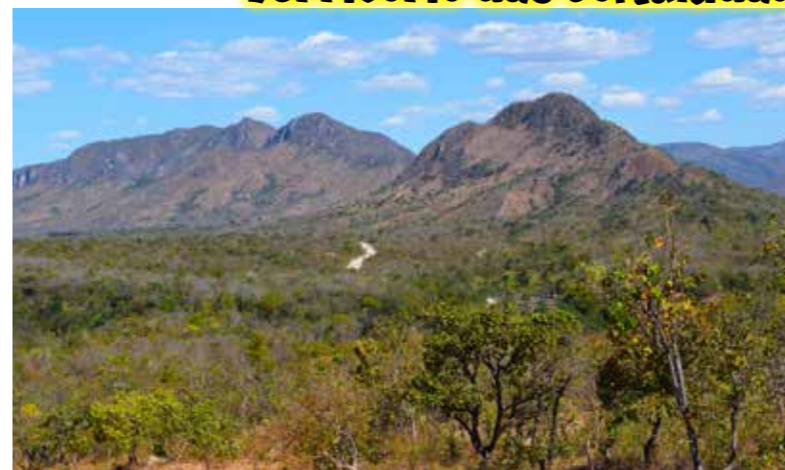
Pedro Torres de Melo

6. Extrativismo sustentável

Aqui nós temos barú, temos o caju, só que o caju varia, tem anos que dá muito caju, temos o pequi, temos o jatobá. Esses é o no cerrado. Barú é mais na mata, aliás o barú é misturado, buriti também, só que é mais escasso, tem guariroba no cerrado, é mais na serra, no cerrado, na mata também tem ela. Tem também, diminuiu a produção, está dando muito pouco também, mas aí tem o coco piaçaba, mangaba também tem muita. A mangaba está mais no cerrado. O coco é mais na vereda. E o piaçaba, perto das beiras de córregos em terras mais altas.

Pedro Torres de Melo

Território das comunidades Glaro, Prata e Ouro Fino



7. Formação e organização

Eu achei muito importante de precisar de apoio técnico por isso, porque de repente chega a Naturatins, vai chegar e barrar, porque as vezes um desmata dois hectares, outro um alqueire, ou desmata fora do local, no local da beira do rio, e não pode. A maioria sabe que não pode desmatar na beira do rio, então a gente precisa de uma licença pra trabalhar mais despreocupado e conseguir a licença a gente fica mais tranquilo, trabalha mais tranquilo aqui na Comunidade. Porque aí sabe as medidas, como é que desmata, e como é que a gente produz, porque a gente pegando a autorização de lá a gente trabalha desassustado, mais tranquilo, não tem negócio de Ibama chegar aí, barrar aí, e cobrar multa e tudo. Muita gente tem medo de ser cobrado, então acho que tirar o documento na Ruraltins é melhor. Semente, que nós precisamos de semente, que não tá tendo plantação velha, a chuva estragou muito, e o povo não tem como fazer um plantio maior, é coisinha pouco, outros comem até a semente, que não tem como deixar. A semente agora pra plantar de novo é preciso ter a semente nova, outros tá com dois anos, três anos que plantou uma roça e essa semente não serve pra plantar mais, então nós precisamos de semente. Se arrumasse um pouco de semente pra nós, um pouco de um, um pouco de outro pra nós era bom demais. É bom também visitar outras áreas, vê como eles estão plantando, como é que eles produz, pra ter o conhecimento, assim produz mais e melhor, que pra lá eles estão acostumado e nós aqui não tem o costume, o costume nosso aqui é roça de toco o conhecimento nosso, agora aqui nós precisa pegar novos conhecimento, melhor ainda é só isso que eu queria saber mesmo.

Emílio dos Santos Rosa

É importante as pessoas ver, e as pessoas aprender novas técnicas para trabalhar, por que sempre vai mudando, o sol vai mudando, o modo de você plantar, de você utilizar a terra, vai cultivando de modo diferente, pegando pratica com pessoas formados nessa área é sempre melhor. Olha com outros agricultor é super importante também, por que se trazer uns agricultores de fora ele vai dá a troca de experiência, é cem por cento bom. Por que eu tenho uma maneira de lidar com a terra, outro tem outra maneira, outra pessoa ali tem outra maneira, cada ano a gente vai mudando, o jeito pra ver se a gente consegue qualquer coisa melhor.

Renil Alves dos Santos

Casa Tradicional



Realização



**Associação dos Artesãos
Extrativistas do Povoado
Murubuca
(AAEPM)**

**Associação das Comunidades
Quilombolas das Margens do
Rio Novo, Rio Preto e Riachão
(ASCOLOMBOLAS-RIOS)**

**Associação da Comunidade
Remanescente de
Quilombo Kalunga do
Mimoso do Tocantins
(AKMT)**

**Associação Quilombola
das Comunidades do Claro,
Prata e Ouro Fino
(ASQUICGAPO)**

Financiadora



Climate and
Land Use Alliance